

Coimbra, 17 de maio de 1897

O.S.
605
(d)

RISOS

ANNO I

NÚMERO 1 a 5

ASSIGNATURA

Mês.....	60
Trimestre.....	180
Semestre.....	360

LISOS

Revista literária bi-mensal

Redactores:

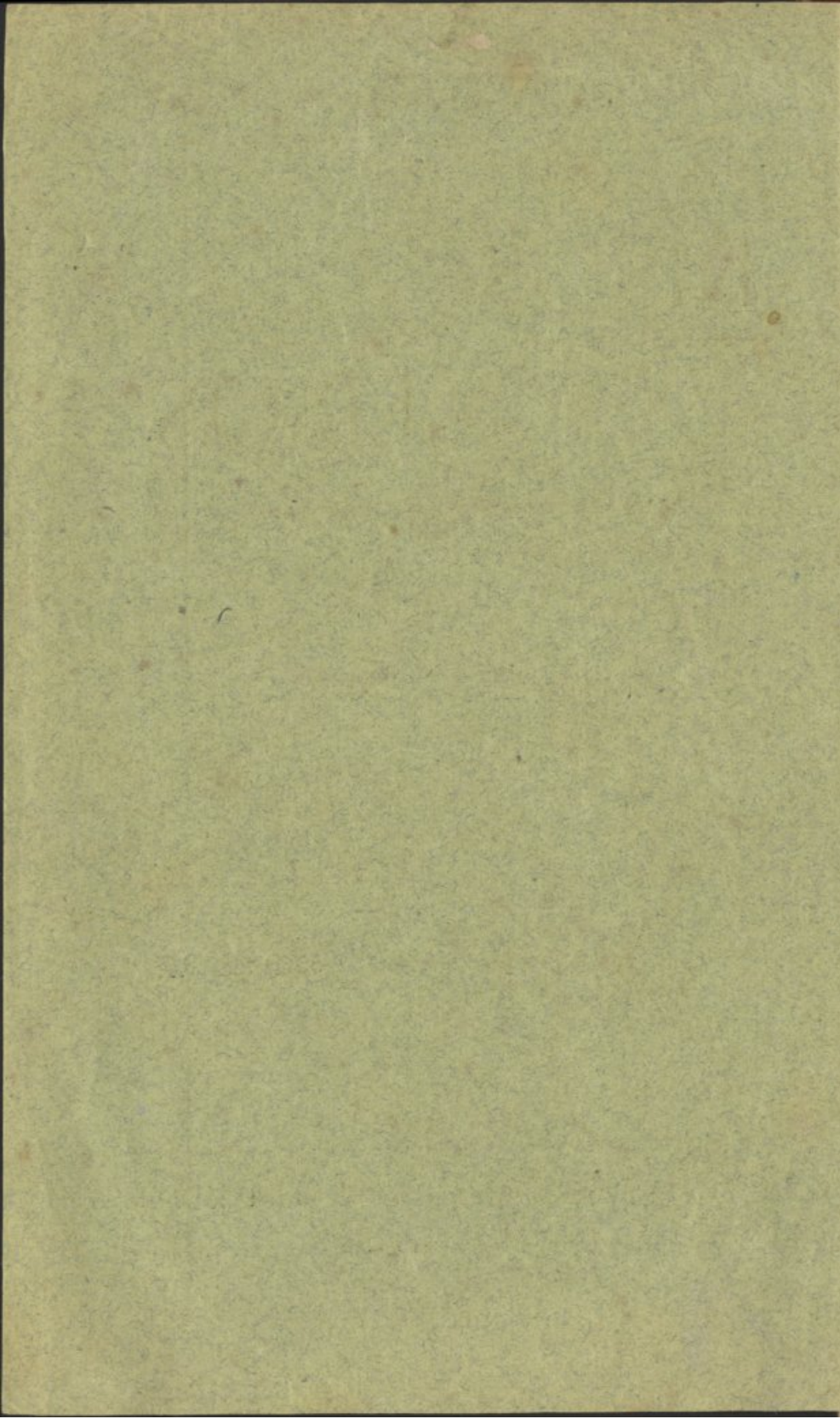
Joaquim Gómez
José Tomaz da Fonseca
Lopez d'Oliveira

SUMMÁRIO.—A Nossa Revista—Nós.—Versos a Ignez—*Joaquim Gómez*.—Literatura moderna—*López d'Oliveira*.—Vinte annos—*Tomaz da Fonseca*.—Revolutados. . .—*Arthur Xavier*.—Um dia de inverno—*Joze Roque*.—A um juís de paz—*silva*.—Epitaphio—*silva*.—Souhos de amor—*O. L.*

A Revista sae nos dias 15 e 30 de cada mês

Redacção e Administração—Terreiro da Herva, 25

Coimbra—Typ. de Luiz Cardoso, Sophia, 10 e 12



As Saul Donato
com recordações



ffs
João Jr.

A Nossa Revista



Sem pretensões a sócios da *Academie de la Rose Croix*, p'ra que acaba de ser agora eleito com muitissima justiça, Miga-rans, e a que tem immenso jus o Alexandre de Albuquerque pelas suas locuções de lusco-fusco vestindo ideias vazias como zero, resolvemos fundar esta revista onde o intuito (que motivos de força maior tiveram de alterar muito) é rirmo-nos de tudo o que adregue despertar-nos ou a gargalhada em que se mostram as mandibulas, ou apenas aquelle

sorriso,
liso,

de que resa a trova.

Creemos preencher assim com esta nossa alegria inoffensiva de rapazes bohémios a estuár nestas páginas, uma lacuna de ha muito aberta no jornalismo coimbrão, onde, além das verrinas um pouco mazorras, de sédiças, das discussões politicas, onde o jornalista Pedro se ri do jornalista Paulo e vice-versa, e dos mútuos elogios com que alguns literatinhos de ca se mimoseiam, e onde os adjectivos pomposos andam sempre ás cavaleiras dos substantivos, elogios que nos fazem rir, nada mais ha que nos tire d'esta apathia que nos avasalla.

D'ella aspiramos nós sair e, nossa máxima aspiração, fazer sair o leitor, creando esta revista. Se o público achar que o conseguimos, como nós temos a mais absoluta boa fé no seu bom senso, desde já nos ficamos considerando com ufanía a quarta coisa boa d'esta terra que tem tres coisas óptimas—o Palito Métrico, as arrufadas e as boas piquenas. As boas piquenas, sobretudo!

VERSOS A IGNEZ

*

Rosto moreno
 Como o de Christo,
 Espelho mixto,
 Fiel, sereno,
 Dos seus desejos,
 Dos seus affectos,
 Castos harpejos,
 Sãos amuletos!

Assim, tão santa és, talvez,
 Um anjo exilado, Ignez!

A toutinegra
 Quando esvoáça,
 Não é mais negra,
 Não tem mais graça,
 Que esse olhar casto
 Quando nos fita
 Largando um rasto
 De luz bendita!

E que doce candidez
 A do teu olhar, Ignez!

Moira encantada,
 Violeta adusta,
 Surge á saccada,
 Nada te custa,
 Se te confranjo
 Não tens tu azas,
 E o olhar, meu anjo,
 Quaes duas brazas?

Já que minha dôr não vês
 Deixa eu vêr-te alegre, Ignez!

Hóstia partida,
 Ninguem d'est'Alma
 Viuva de calma,
 Communga a vida!
 Oh! se a benzesses,
 E dessa trança
 Luto lhe dèsses
 E assim a esp'rança!...

Como em sua viúvez
 Minh'Alma riria, Ignez!

Sigo-te os passos,
 Na estrada as silvas
 Têm negras syll'bas,
 Erguem-me os braços!
 Mas se meu peito
 Silva é sem flores
 No atalho estreito
 Dos sós amores,

Porque heide até, cru revez
 Ser d'ellas odiado, Ignez!

Fosses a amora
 Deste silvado
 E, ó flor da Flora
 Do meu Cuidado,
 Em breve fôra
 Templo risonho:
 Tu a Senhora,
 Pastor, meu Sonho.

Nunca! Viu-se alguma vez
 A rosa em silvado, Ignez!

Mas nem de pranto
 Filtra uma baga
 Perola á vaga
 Do meu que é tanto!...
 A gruta calma
 Do olhar d'ella
 Desta su'Alma
 Gélida cella.

Anjo pareces. Certo o és
 Sendo tão cruel, Ignez!

Se na violeta,
 Calix de prata,
 A sêde mata
 A borboleta,
 A' mariposa
 Dest'Alma, fecha
 O olhar, e deixa
 Libar-te, rosa!

Do desengano através
 Sempre a esp'rança a rir-me, Ignez!

JOAQUIM GÓMEZ

A LITTERATURA MODERNA



Quem comparar a litteratura portugüesa de ha dez annos e a de hoje encontra a decadência mais completa em todos os seus ramos.

A critica, que tam grande influência tem sobre a sociedade, que tanto concorre para encaminhar a opinião pública, que até no nosso país teve uma época relativamente brilhante, caiu numa série de palavras ôcas, sem alvo definido.

O critico hoje só sabe rir, escarnecer e detractar, nunca dar uma solução ou ter uma idéa, a não ser absurda.

O critico é, geralmente, o *petit-crevé* que por divertimento ridiculariza os outros, que por seu turno lhe fazem o mesmo.

Uma obra critica d'hoje, se apparece, é um conjunto de dichefes, que não têm mais préstimo do que render algum dinheiro ao auctor.

Assim torna-se em diffamação mútua—de vingança ou interesse.

O nosso maior critico, Ramalho Ortigão, que encetou a campanha tam sábiamente dirigida das *Farpas*, em que a ironia tam bem se casa com o bom senso, em que tudo parece respirar vida, força, saúde, transformou-se, insensivelmente, no *dilettante* que stygmatisou, no homem inutil que sempre combateu.

Do critico admiravel que era, saiu o amigo do rei, o dedicado da monarchia.

D'antes aperfeiçoava os costumes, elevava o nivel esthético do povo; hoje atira aos pombos com D. Carlos.

Lançando fóra a penna, agarrou na espingarda para ser agradável a S. Magestade, e para que possa comer um coelho guizado, ou uma perdiz tostada.

Abdicando da sua independência, o brilhante escriptor, que tanto se tinha elevado na mais longa, mais sensata e intransigente lucta, renega o que escreveu, acostando-se debaixo do carunchoso thrôno que ajudou a abalar.

E nós sentimos saudade pelo homem de outr'óra, pelo humorístico que tam agradavelmente nos convence, inculcando em nós o desejo de preencher a missão do homem independente e são que preconiza, como a suprema aspiração do homem que se préza.

E sentimos-nos assim, porque consideramos morto para reassumir o seu antigo posto o actual favorito do paço.

E este facto, que não é isolado, caracteriza o estado servil da sociedade portugueza.

O que primeiro combateram, acabam por fim de perfilhar.

Não porque reconheçam razão aos seus antagonistas, mas porque, como elles dizem, se desilludiram, passando á vida práctica.

Se a vida práctica é emmudecer perante as extorsões e roubos, se é suffocar a consciencia pelo interêsse, pelo mercantilismo, apagar todas as nobres aspirações d'um espirito livre, entam não comprehendemos.

Mas o que chamam desillusões, não é mais do que a baixeza, a ignominia, a fraquêza d'uma raça que se extingue num desaparecimento continuo de energia e de actividade.

O interêsse torna-se o lemma das sociedades que fingem não ouvir o gemer dos desgraçados, o estertôr dos famintos; que fecham os olhos para não vêr o povo anêmico, alimentado a bolota.

É a venda dos sentimentos, o leilão da honra e da dignidade.

Este vergonhoso espectáculo offerece-o a sociedade portugueza no Anno da Graça de 1897.

É o estado miseravel em que se mercadeja com a intelligencia como com bacalhau, é a epocha em que se diz e desdiz, em que se não tem nenhuma opinião para se terem todas, em que se não apoia ninguem para se estar bem com tudo.

A crise económica reflecte-se assim, e d'um modo mais perigoso, na moral.

A libra cunha-se, a consciencia não; uma vez perdida, é-o para sempre.

Pollue-se na venda, como a mulher na crápula; o fim da mulher é a valla do cemiterio, a do vendido a celebridade e a indolencia suina, que por fim irám guardar-se como reliquia num rico mausoléu de mármore, engrinaldado de flôres.

Ambos se venderam, um, porém, com mais vantagem.

Mas voltando ao assumpto.

A critica é o fundamento, a seiva que aviventa a árvore da litteratura.

O romancista que apresenta os seus personagens é necessário que os estude e, estudando-os, ha de necessariamente servir-se da critica.

Apresentar uma fila de individuos como numa pintura, seria irrisório, absurdo e inartístico; seria a apresentação de manequins sem vida.

O romance sem critica seria como o homem sem cérebro.

Em Portugal desapareceu elle quasi por completo.

Camillo e Julio Dinis foram os mais legítimos representantes do romance portuguez.

Camillo estudando os factos da vida social, analyzando-os sempre com a critica fina, mordente e cáustica que é o seu distinctivo.

Todos os seus livros estam impregnados d'essa idéa tão dominante nelle: da felicidade emsomburada pela borrasca terrivel do destino.

O seu character, ao mesmo tempo agreste e bom, revela-se em todas as suas palavras, sempre repassadas d'um soffrimento intimo, que ás vezes o fazia quasi scéptico.

A ironia era uma arma terrivel nas suas mãos, e, quando se servia d'ella, as estátuas de lama, erigidas pela vaidade balôfa e insignificância pelintra, não lhe resistiam.

Não perdoava a nenhum miseravel que lhe caísse debaixo da penna; amarrava-o, torturava-o e só depois de o inutilizar o deixava.

O seu espirito dava aos seus romances o cunho da tristeza que continuamente o saltiava tornando-o ás vezes pessimista—elle próprio o confessa.

Ninguém como elle teve tanta felicidade, tanto vigôr na descripção, ninguém prescutoou a alma humana tam profundamente em todas as suas manifestações!

Julio Dinis encanta e prende, acaricia e captiva.

Respira-se o bom ar, o bello sol, está-se num ambiente campestre delicioso, entre jardins de flôres, talos de videira que se enlâçam cobrindo as uvas, o rouxinol gorgeando na balsa, a maripôsa a correr por entre a verdura e a abellia côr de ouro suspensa no cálice da violeta.

E' a vida d'aldeia em todo o seu encanto e simplicidade, é a alegria viril do nosso camponez, é o perfume do rosmaninho em dia de S. João.

Mas, extintos ambos, que nos resta ?

Nullidades sem valor algum, architectos de contos desconchavados, flinando na arte por diversão.

Depois da morte de Oliveira Martins a história desapareceu tambem. Os historiadores d'hoje sam os auctores dos compêndios de instrucção primária. Os nossos sábios não vão mais alem. Sabem antepôr ao nome dos Braganças um «sererinissimo Dom» e o resto deixam-o ao futuro.

A nossa história nacional está incompleta. Aos trabalhos de Pinheiro Chagas falta-lhes o cunho da livre critica.

Alexandre Herculano deixou a sua história em principios.

Pinheiro Chagas quando chega a 1820 faz a história até hoje em 50 páginas !!! As conviencias impediam-no de dizer mais, a elle, tam extenso no résto.

O. Martins é o unico que mais desassombadamente tratou de história; profundo não se pode dizer, mas analyza os factos e stygmatisa o crime.

Além d'isso a sua *História de Portugal* está como nenhuma outra bem escripta e os caractéres de todos os reis admiravelmente estudados.

A sua entrada na politica tirou á sua pena aquella força caracteristica e por último a morte deu fim definitivamente á sua lide. Ninguem o substituiu.

A poesia vagueia sem nórtete, em ternas endêchas de amor, espreguiçando-se na fofa poltrona da inutilidade, como tudo sem alvo, errante e vagabunda.

Em toda a parte a mais completa indolência, as mais indecentes baboseiras e a mais radical falta de idéas.

De todas as viéllas nos são um poeta de grande cabelleira, a buscar nas madeixas a inspiração.

O lyrismo em Portugal por quem é cultivado?

João de Deus e Thomaz Ribeiro desapareceram, um no túmulo outro na politica; João de Deus deixando-nos o *Campo das Flores*, Thomaz Ribeiro... vinte annos na intriga. Um caiu-lhe a lyra na campa, o outro na lama. E ambos se foram.

Da eschóla nova, como guia e como chefe, ficou-nos Guerra Junqueiro.

O revolucionário da *Morte de D. João* e da *Velhice do Padre Eterno* deu-nos ainda ha pouco um livro sublime, uma producção genial, obra que hade ficar com um marco brilhante na nossa litteratura — a *Patria*.

Ha nelle a bandeira vermelha a agitar-se por entre o fumo de pólvora no alto da barricada, o som longínquo da *Marselheza* saudando um futuro novo por entre os frémits da Revolução.

Sente-se uma alma nobre no poeta revolucionário, grandes idéas a scintillar nos versos de bronze de Junqueiro.

E é elle sómente que nos resta.

A litteratura definha umas vezes encerrada no elogio mútuo, outras em questiúncias réles.

Os talentos mirram-se na ociosidade ou inutilizam-se na venda.

No ócio deixam de frequentar a bibliotheca para ir ao lupanar; vendidos, deixam de escrever para fazer contas de caixaria.

Uns e outros realisam a sua ambição, attingem o seu ideal!

E assim vamos.

LOPES D'OLIVEIRA



VINTE ANOS



Sorrir! cantar! sonhar que o choro inda não veio
 Escravisar minh'alma, escravisar meu seio.
 Ainda não senti arder no coração
 As lutas do rancor, o fogo da paixão.
 Inda bem não senti essa immortal essencia
 Que em nós grita e suspira—a voz da consciencia.
 Não sinto revolver a chamma coruscante
 D'um viver ideal, d'um viver suffocante!

Sinto apenas no peito

O ideal perfeito

—Riquissimo thesouro

Da louca mocidade, eterno, argenteo sonho.
 Ha dentro em mim fervendo o cantico risonho

Dos meus vinte annos de ouro.

Ha inda em meu olhar a limpidez morena

Das filhas de Bethlem;

Ha no meu coração o nectar da açucena,

O sorriso de mãe.

A loucura gentil

Do genio pueril!

Por isso, ó meu Deus,

Quero-te hoje offertar

Tributo do meu ser...

Eu quero-te incensar

Eu quero que me dês

A bondade infinita

Que existe em cada flôr,

Em cada parasita!

Primavera gentil, meu sonho auriluzente!

Eu venho-te saudar risonho e bom... contente

No dia dos meus annos,

No meu anniversario,

No meu risonho abril,

N'um canto alegre e vario.

Cantar! Sorrir! Chorar?

O choro inda não veio;
Inda não tenho aqui, aqui dentro do seio
O mal de toda a gente!
Não sinto pulsar não,
Aqui no coração,
Uma paixão somente.

Mas ai! ó primavera, em breve passarás,
No meio da illusão fantastica da vida!
Em breve eu ficarei olhando o mundo atraz,
Chorando e com razão, a fronte emmurchecida.
Sorrir! cantar! sonhar!...

Ponhamos ponto aqui.
E' esta a hora triste, a hora em que eu nasci.

THOMAZ DA FONSECA

REVOLTADOS...

AO SENHOR DOUTOR JERÓNIMO SILVA



Ao longe echoou um toque de clarim.

Jorge que meditabundo seguia com a vista o girar compassado da péndula d'um velho relógio, correu precipitadamente á janella, mas, voltando logo, passou repetidas vezes pela frente a sua mão callosa como querendo afugentar da mente alguma preocupação dolorosa.

Depois, numa entonação agitada, disse:

«Que loucura a minha! Como se ella me pudesse amar! Ella nobre, formosa e rica; e eu um plebeu, um revoltado contra a classe a que ella pertence, e que, talvez amanhã ao raiar a aurora, a veja curvada de dôr e desespero, tentar reanimar com lágrimas de sangue o cadaver de seu pae, d'esse homem tyranno, cujo coração vil é insensível á miseria d'essa horda de proletários que até hoje tem calado no fundo do coração a revolta que em breve rebentará, a clamar vingança.

«Oh! não nasceres tu entre nossos irmãos, estrella brilhante que me alumias a alma!

«Então morreria contente combatendo por uma causa sublime como é a da Liberdade e, em vez do teu olhar de gelo, teria, para

suavisar a minha agonia, o orvalho dos teus olhos, e o martyrio da tua alma! . . . »

A uma descarga de fuzilaria respondeu um clamor intenso que se elevou em toda a rua.

Jorge agarrou numa arma e correu precipitadamente para fora.

Logo que appareceu foi cercado por uma multidão de operários armados de espingardas, paus, picaretas e outras várias ferramentas das suas profissões, pois estimavam-no bastante a elle, a quem, pelo seu character honrado e coragem nunca desmentida, constituíram commandante das barricadas que nas extremidades da rua se elevavam fluctuando sobre ellas o estandarte vermelho, symbolo da Revolução.

Alli Jorge pediu silencio e começou:

«Irmãos! Chegou finalmente o dia em que nós, os miseráveis, os enteados d'uma sociedade déspota e infame, finalmente, os productores da riqueza social, açambarcada por outros, ergueremos bem alto a voz para num brado unânime e sincero como as nossas almas, protestarmos vehementemente contra uma sociedade infame e egoista que, enquanto garante a uns mais do que o indispensavel á vida, nos deixa a nós, que tudo produzimos, morrer de fome e frio, enquanto que tantos armazens abarrotam de vestuários e viveres.

«É preciso, pois, reagirmos e pôr um dique a essa torrente de indignidades e vilipêndios com que os senhores nos tem victimado durante tantos séculos de oppressão, protegidos pelas baionetas dos seus soldados, que sam nossos irmãos, que sam nossos filhos, inconscientes do dever.

«E é hoje no momento, talvez, em que nossos filhos e nossas mulheres agonisam de inanição que nós, convictos da nossa causa e tendo por escudos os nossos peitos leaes e por fe aquella bandeira que além fluctua imponente de magestade — disse Jorge apontando p'rá Barricada — que nós combateremos denodadamente pelas nossas reivindicações sociães!»

Ouviu-se um ruidoso tropel de cavalaria, e aquelles homens em cujo coração nunca penetrara um ráio de alegria, soltaram um grito de enthusiasmo e precipitaram-se em tropel, bradando: «Á Barricada! Á Barricada!»

O choque foi terrivel, e de ambos os lados vendia-se cara a vida; mas Jorge sobre a Barricada, de bandeira em punho, incitava os seus á lucta, e elles, os opprimidos que sempre curvavam submissos a frente á minima admoestação dos senhores, pareciam agora combater pela Liberdade, quaes leões defendendo a cria.

.....
É noite.

N'um vasto casarão, cujas entradas estam guardadas pela soldadesca, estendem-se, frouxamente alumiadas pela luz baça d'uma candeia, várias enxergas, numa das quaes esta Jorge moribundo.

Junto d'elle, soluçante, cobrindo-lhe de lágrimas as mãos esmaecidas, que aperta entre as suas, está uma joven cuja palidez contrasta com o seu vestido negro e que, de quando em quando, murmura baixinho:

—Meu Deus! Como sou criminosa! Onde te levou a minha vaidade, coração leal e generoso! O que sou eu? Onde está a minha felicidade? Triste realidade! Emquanto a minha nobreza está provada em pergaminho, a tua, nobre martyr da Liberdade, está justificada nos teus actos grandiosos!

Jorge abriu os olhos, levou aos labios lividos a nivea mão da sua amada e disse baixinho:

—Obrigada... Morro... feliz.—E exhalou o ultimo suspiro.

.....

ARTHUR XAVIER

UM DIA DE INVERNO



O frio, o camarada ali do aguaceiro,
Regela os cães. A voz sombria dos tufões,
Reverbera longinqua em tristes vibrações,
Triste como a viuvez das aves em janeiro.

Vagueiam pelo espaço as folhas d'um olmeiro,
Ouvem-se chilrear noctivagas canções,
E vivem sem repouso os nossos corações
Frios como o naris do doutor Serrasqueiro!

E eu nam sei o que tenho, ando assim á tres dias
A olhar febricitante um mundo d'anemias,
Capaz de arrebentar de lânguida tristeza?

Se tomo d'um charuto, ando a mascalo-o, até
Já ninguém conhecer ao menos o que elle é.
Não sei que raiva tenho ao mundo, á natureza!

Josef Roques

A um juíz de paz antigo boticário



E' boa! Um juíz de paz
Com tromba de Ferrabraz,
E olhar de vesicatório!

Sim, senhor,
Falinhas de collutório,
Modinhos de lambedor!

Mas se o olhar é como a água-raz
Inflamável e assim fétida,
Mil vezes mais que a assafétida,
Se é enfim contido gaz
Que ao lume, fétido, explúe,
Que nem cidadão de Tuy
Ou rábido capataz,
E se a tromba não desfaz
Na alma, antes mais atterra,
Bem pode o juíz de paz,
Com tal alma e táes focinhos,
Ser antes o juíz da guerra
...De dois gallosinhos!

SILVA

EPITÁPHIO



Aqui jás um avaro: coisa pêca
De tal forma, que Deus perdoou-lhe: em vão!
Que ao diábo a alma qual arenque séca
Vendeu; pois dal-a ao Céu isso é que não!

SILVA

SONHOS D'AMOR

A MEU PRIMO ARTHUR DA SILVA



Onde estás ó anjo celeste das minhas visões, onde estás ó meiga rola, que eu amo como a viração que ondêa os teus cabellos?

Onde estás, sim, onde estás? No espaço, na brisa, neste sopro quente que passa junto a mim, anhelante?

Diz-me d'onde vens, ó halito vivificante, que perfume é esse teu que nos aroma a alma, reanima o espírito, abatido numa luta insana?

Eu sei, eu sei d'onde vens ó mágica vibração das cordas intimas do meu ser, vens dos alcantís da Beira.

Ó gentis beirãs, ó adoráveis fadas, mandae-me aqui um pouco da vossa alma, mandae sim; dae-a ao vento que passar que m'a traga.

Oh! já, já! Porque esta alma, esta pobre infeliz, não é minha, é duma de vós, vagueia aí nesse odôr de malva e rosa d'Alexandria.

Amo-te! Sabel-o, para que repetil-o?

Para quê? É que esta vida é tam árida, tam fria, tam triste, que acho um lenitivo em pronunciar o teu nome.

Amo-te! Amo-te!

Amo-te, e o meu amor é tam infinito como a bondade de Deus que decerto o abençôa!

A fiôr que me deste quero beijal-a loucamente e morrer com ella bem junto do coração.

Mas ella que só desabrochava ao sol ridente e dourado, murchou já, e está sêcca, sêcca, como esta vida árida e desoladora.

Mas o seu perfume ainda é o mesmo, e eu guárdo-a como uma reliquia d'um passado que desapareceu no occaso, luminoso e brilhante.

O seu brilho já não é como d'antes offuscante, mas tem a pallidez serena do luar meigo.

E o meu espírito sempre a avivar na alma este sulco inapagavel, sempre rutilante, sempre supremo... a sonhar... a sonhar... com-tigo!

O. L.

Errata.—Na pagina 8, 2.^a linha, em vês de *girar compassado*, leia-se: *bater compassado*.



RISOS CONSAGRADOS ...

— Duas palavras d'explicação —



Parece que os *Risos Lisos* foram como que uma bomba de dynamite que explodiu aos pés destes patusquinhos que por usarem luvas e terem lido um romance de Montépin julgam que pôdem, a bom título, dar-nos um livro todos os meses.

Não houve ahi literato *manqué*, jornalista *in herbis*, ou *consagrado* que não ficasse assombrado, não perante a belleza excepcionalissima dos artigos, (em que peza á nossa modestia o dizel-o), mas perante a nossa audacia, digna de guilhotina, de rirmo-nos de algum *consagrado*... pelos parvos como elle.

Provando isto que ora acabamos de dizer, viéram contar-nos um facto que é de a gente ficar estarrecido de medo, se não fosse antes mais um pretexto para nos virmos agora rir. Eis o caso:

Um *consagrado* de quem nam dizemos o nome, nam nos torne elle em *cinsas*, perguntou a uns nossos amigos se elles tambem collaborávam nos *Risos Lisos*; como recebesse resposta negativa elle tornou-lhes incrédulo: «Andem lá!... Andem lá!...»

O que será Santo Deus! Que hydra de sete cabeças irá ahi rabiarnos aos pés! Mystério!

Mas porquê tal catilinária? Nosso intuito creando esta revista não foi fazer-vos mal, ó *consagrados*. Somos ainda muito pequenos p'ra vos fazermos mal, ó *gigantes*!

Não! Pôdem os vossos livros de versos apparecerem de mês a mês com toda a regularidade, pôde a *Gondola* continuar a sulcar o mar da asneira, caminho do porto da immortalidade e da consagração, que nam seremos nós quem vos ridicularise o dardes que fazer aos typógraphos, aos alçadores, aos livreiros, (aos livreiros! que burrice

que agora nos escapou!) e a todos quantos lucraram com os vossos laboriosos abortos literários. Demais que vos importa isso, nam tendes os thuriferários duma certa imprensa que vos põem a salvação de qualquer opinião malévola? Nam tendes vós a consciencia de que fareis com isso uma obra boa, dando trabalho nestes tempos de crise? Mas que importe ou nam, nam é pr'a vós que a revista terá de quando em quando um character aggressivo, nam! Dizemol-o com franqueza. Se no decurso, porém, da publicação da revista, um ou outro piparote vos fôr atirado ao nariz, nam desconfieis que entre amigos nam ha bambochatas e nós somos vossos amigos porque, vá la esta indiscriçõesinha, tambem aspiramos ás doçuras do elogio mútuo, sabem?

Nós

AOS MEUS INIMIGOS



A ti, meu Jupiter, ó mais fiel dos cães, ó companheiro inseparavel das minhas excursões; a ti que choras quando eu choro, que ris ao ver-me rir, que lá na minha aldeia guias meus passos nas sombras multiformes da noite, estes espinhos que vomito a arder!

Supponham que eu agora ia chamar-vos brutos,
 Javardos, animaes, covardes e astutos,
 Assassinos, ladrões, uns salteador's de estrada;
 Que ia ja, mesmo ja, corrê-los á pedrada,
 Corrê-los até casa, e depois inda em cima
 Lançava num panfleto a minha obra prima,
 Sátira divinal, d'inspiração grandiosa,
 Um valente sopapo, enfim, coisa estrondosa,
 Que os levasse num môlho ás grades da prisão,
 A rir-me alegre e bom... (tinha muita razão!)

Se eu fôsse aos pontapés
 Levá-los a vocês,
 C'um chicote na mão,
 Presos a um carroção,

Às portas collossaes do interminavel Orco...
 Vos atirasse á cara as entranhas dum porco,
 E vos cravasse em cheio a cabeça dum nabo...
 Que me fariam vocês, seus almas do Diabo?!
 Coisas soberbas, hein?

Um esperar-me-ia

Aqui numa viéla, outro além teria
 Engatilhada ja a mais feia pistola,
 Sinistro bacamarte, o mais rude punhal,
 Para varar o cráneo ao pobre rapazola,
 Ao triste liberal!

Outro mais generoso agarraria em mim,
 Com quatro pontapés, quatro lambadas... sim,
 Na sua exaltação estranhamente avara,
 Não podia deixar de me pregar na cara.
 Outro inda ao ver-me assim, reu de tanta maldade,
 Na sua embriaguez, na sua indignidade,
 Não pouparia nada: os tribunaes, o juiz,
 Exporiam sem dó quantos «crimes» eu fiz...!
 E para mim depois não havia perdão...
 Tinha que me calar .. e cheio de Razão!
 Desgraçado de mim se em tal pensasse... ai! ai!
 O' vida da minh'alma! ó filho de meu pae!

Parece-me estar vendo
 Todo esse vão delirio...
 Estar mesmo soffrendo
 Esse cruel martyrio;
 Os olhos revolvendo
 Ao vasto azul do Emypreo...
 Olvidado, gemendo,
 Mais roxo do que um lirio,
 Descórado, morrendo,
 Pallido como um cirio!

Quem pôde imaginar
 Tanto sopapo em vão! tanto cachorro a uivar?!

A vocês que, em bando,
 Mordendo, escoicinhando,
 Iam logo vingar-se,
 Desfazer-se, apartar-se
 Deste bom cidadão,
 A fórmula seguinte:

Lá quando enfim surgir de luz o sec'lo vinte,
 Quero chamar-vos todos
 A meu lado... em bons modos...
 Pô-los á minha mesa e dar-vos de jantar,
 Levar-vos ao jardim, de braço, a passear,
 Correndo ás avelãs, saboreando os figos
 Tornar-vos meus amigos...
 E lá quando eu quizer,
 Quando bem me par'cer,
 Hyênas! ó chacaes! hypócritas-vampiros!
 Corré-los á paulada, esmagá-los a tiros,
 Fazendo verdadeira a minha fantasia...!
 E subir e subir, nas cordas dum balão,
 Beijando com ardor a mãe Civ'lização,
 E deixar-vos no lodo, ó multidão sombria,
 A ladrar... a ladrar!
 A uivar... a uivar!

JOSÉ LACEIRAS

NO MODERNISMO

- DANDYS -

A MANOEL FERNANDES D'ABREU



Mocidade engalanada dessa vaidade balôfa, apelintrada, de almiscarados, de bonecos de cautchouc, tu és ó mocidade, o inutil que passa o dia calcando o *trottoir*, assestando com ar idiôta, o *lorgnon* sobre as damas que passam.

Chic é a tua phrase querida, *chic* é o teu forte, *chic* o teu Deus, *chic* a tua aspiração.

Olha-as bem, olha-as, que ellas têm no cofre do *papá*, umas placasinhas amarellas, redondas e lusidias, que te fascinam, que te fazem dizer a desdentadas, a disformes, a pobres de espirito:—os vossos dentes são marfim, vossos olhos estrellas scintillantes, sois bellas, sois uns génios...

Cantas ao piano, danças com primor uma valsa, tocas até talvez castanholas e pandeiro, sabes sorrir, fazer gestos sérios, meditabun-

dos, carnavalescos, graduados em escalla, mas não lograste ainda ter esta simples cousa—uma ideia.

Ter uma ideia, pensar?! Mas isso não é para este século em que tudo para ti trabalha, em que o operário, o opprimido, o escravo te trazem tudo quanto te é necessário.

E não hei de, dizes tu, ter quem pense em meu lugar? Não tenho eu o Almanach das Senhoras, o Thesouro dos Namorados, e a Vida de Santa Engrácia, essas obras primas no viver social, no amor, na religião? Não tenho estes pensamentos ja promptos, limados, preparados, agalanteados? Para que pensar?

Olha, dandy-burguês, não serves para nada, não, e seria indesculpavel que nesse teu cérebro brotasse uma ideia.

Longe essa praga!

Não. Assim poderás ser tudo, barão, gran-cruz, par, conselheiro, mas não serás ainda esta cousa—um homem! . . .

Não serás homem, porque não cumpres o teu dever perante a sociedade, porque vendo a Patria á beira do abysmo te sorris do perigo como um doido ás gargalhadas perante o cadaver da mãe.

Passas a vida no ócio, na prostituição dos sentimentos e da alma, vadio, a ver as *vitrines*, a ler cartazes, a narcisares-te ao espelho, a namorar. Não amas mas namoras.

Namorar quer dizer tentar; a tentação quer dizer morte.

Porque essa donzella arrastada ao prostíbulo, entregue a fêras sensuaes, desce á sepultura.

E' esta a vossa vida, vida que symboliza a maior degradação, a maior baixaza.

Máquina, autómato! faze a côrte ás senhoras, fuma charutos, recosta-te na tua *chaise-longue*, annella o cabello, impregna-te bem a almiscar, e resona com a *candidez* dos innocentes que Alguem te virá accordar.

Esse Alguem é um Povo que, saindo da apathia mórbida e indolente, te levará ás chicotadas até ás fábricas e officinas para alli trabalhares.

Para que saibas quanto custa ao proletário, ao trabalhador, ó que gastas numa hora e que a elle lhe leva annos a ganhar, regado pelo suor que lhe inunda as faces, ardente como chumbo a fundir.

Sereis entam homem pela primeira vês, enquanto a Humanidade irá saudando com entusiasmo delirante, o pavilhão: —Liberdade e Trabalho—.

Quando raiar a Revolução, não a revolução de interesse individual e de compadrio, mas a Revolução inteira e completa, em que o Bem dará a mão á Liberdade e á Virtude, sem baixar aos odios meramente *políticos*, entam vós deixareis de existir no seio da sociedade, ao romper duma nova Aurora.

LÓPEZ D'OLIVEIRA

O AMOR



O amor é como o sol, no seu girar sem fim,
Se a manhã é serena e o céu é côr d'anil,
Surge fingindo a terra, o mundo, em raios mil,
Dourados e de luz, de rosas, de carmim!...

Mas se em nuvens, toldado, está o espaço infindo,
Nem se matisa o Oriente, ou luz um só clarão!...
— Assim o amor: — se encontra aberto o coração
Da pessoa adorada, é um sorriso lindo

O seu desabrochar, a sua madrugada!...
Porém, quando o amor não é correspondido,
Em vez do riso ha dor, um coração partido,
Por prazer a tristeza, e flecidade — nada!...

ERNANI DORÁ

A UMA ESQUIVA



Tu esquivas! Os homens crêste uns bolas chatos
La pelo mundo ser uma chata bola?
É jogo, eu sei, mas quem é que elle engrola
Se já o conhecem de abusado, os patos?

Não servem pois de nada os teus recatos,
Tanto mais que,—ó borbulha feita empôla!
Os homens, gata brava a q'rer ser rola,
Vôam de ti enfiados como ratos!...

Demitte-te *cocotte*, ala-te c'ruja!
Mette-te antes em casa a fazer meia,
Ou vae, vae dar a rol a roupa suja!

És de tal fôrma d'alma e corpo feia,
Que até posta num altar, e d'ouuropeis,
Os próprios fieis te eram infieis.

JOAQUIM GÓMEZ

A' MEMORIA DE ANTONIO LEÃO FESTAS

OFFERECIDA A SEU FILHO DR. TAVARES FESTAS



Como o golpe era fundo e a lâmina sombria,
E a noite da tua Alma eterna, plúmbea, escura,
Deliberou descer da vida á cova escura,
Fugir desta illusão caliginosa e fria,

No mez de encantos mil, de rosas, de alegria...
Para que tu na dôr, no lulo e na amargura,
Subisses á campina, á florida verdura,
A receber do prado os threnos da harmonia;

Para que la depois na campa, adormecido,
Uma rosa, um jasmim, fôsses enternecido,
Depôr heroicamente, a sonhar, a sorrir;

Lhe fôsses coroar a fronte com rosaes
Á luz da primavera, aos encantos florestaes,
Cada vez que a montanha, o campo se florir!

THOMÁS DA FONSECA

GOIVOS

SOBRE A CAMPA DE ANTONIO LEÃO FESTAS



Curvemo'-nos porque passa o cadaver dum digno, dum Homem,
curvemo-nos perante este túmulo porque nelle repousam as cinzas
dum Amigo.

Não vos tecemos uma grinalda de palavras, porque todos vo-la tece-
mos de saúdades virentes e viçosas que nos vêem da alma. Saúdade
de quem vê sumirem-se os ultimos Homens e fica so entre pantheras
e leões, saúdade pungente e dolorosa como a dôr que nos salteasse
abandonados num deserto sem oásis.

Sobre a tua gélida campa lançaria eu flôres perfumadas. Aceita
estas, mirradas pela descrença, sem odôr nem vida, mortas neste ne-
vrosismo e nesta commoção dum século a desabar.

LÓPEZ D'OLIVEIRA

ARRULHOS

AOS MEUS AMIGOS E COLLEGAS LÓPEZ D'OLIVEIRA E THOMÁS DA FONSECA



Os olhos cheios de lágrimas, fitando, numa attitude scismadora, a lua a rir um rir gaiato como se a zombar da sua tristeza, Helena amarrotava numa das suas brancas e breves mãos uma carta com um perfume tão suave, como se a tivessem impregnado nas águas dos lagos azues onde os anjos se banham.

No sofá em que se sentava tinha, ao lado, um livro de illustrações, representando, na página aberta dois amantes a beijarem-se...

Alguem bateu discretamente á porta do aposento em que ella estava.

Depois de alguma demora, ella foi abrir com passos curtos, pausados, seccos.

Entrou um rapaz de bigodinho petulante, olhar intelligente algum tanto maliciôso e vestindo com correcção.

Relanceou o olhar pelo aposento e viu em tudo, incluindo mesmo os *bibelots* a que ella sabia dar sobre a jardineira uma disposição artistica, um desmazello singular da parte d'ella.

Um pouco irritado, talvez só por isto, perguntou-lhe:

—Porque tardaste tanto em abrir?

—Foi para dar tempo a que compozesse melhor a cara.

—Sim! que pena já não gostares desta que tenho. Ai! Se o Zixaxa me emprestasse a delle, talvez assim...

—Senhor!

—Minha senhora, ás ordens de V. Ex.^ª.

—Obsequiar-me-hia muito se se retirasse; os seus sorrisos fazem-me mal.

—Fazem-lhe mal?!... Que pena eu não poder chorar. Ai!...

—Seria o mesmo. Haveria sempre mentira.

—Mentira!! Entam isso é assim?! Pois ficas desafiada para um duello original em que as tuas armas sam os teus olhos azues — punhaes do meu coração; e as minhas, seram os meus sorrisos—punhaes do teu!

—Deixemo-nos de gracejos. A prova do que avanço está aqui.

E arremessou-lhe aos pés a carta que tinha amarrotada entre as mãos.

E enquanto ella desferia ao piano notas queixosas e simultaneamente harmónicas como a voz de Deus, ralhando, Jorge lia um bilhete ainda incompleto em que declarava amor até á adoração, a Amélia, uma morenita d'olhos negros e brilhantes—noites constelladas de astros—um bom palmito de cara oval, movimentos d'andaluza, uma rival emfim para atemorisar bastante Helena, uma branca, mórbida, com deliquios por qualquer coisa, como a vista d'um rato.

Acabada a leitura, Jorge interpellava-se baixinho pela sua abstracção de a ter deixado sobre a secretária onde Helena decerto a surprehenden; masurgia tomar uma resolução...

Súbito Jorge correu para Helena e, bruscamente, pegando-lhe nas mãos, disse-lhe baixinho, rápido:

—Helena, amo-te! amo-te! amo-te! Enquanto a essa carta, não passa d'um mero capricho da minha cabeça de vento; se o crês, é porque és uma santa; se o não crês, eu mandarei então uma carta, escripta com o meu próprio sangue, a essa mesma Amélia, em que lhe diga que tu és a mais formosa e santa das creaturas, e ella o camapheu com mais instinctos de *baladeuse* que existe, queres?

—Doido! fez ella, sorrindo.

Sorria, logo perdoava.

—Sim! doido d'amor por ti! tornou elle, tomando-lhe entre as mãos a vaporosa cabeça loira onde depoz quasi tantos beijos como os cabellos: tantos foram!...

Assentaram-se num *divan*, sellando o perdão com um beijo que se deram...

Vendo no livro das illustrações os dois amantes que continuavam a beijar-se, como se a cada momento achassem no beijo doçuras inéditas, Jorge disse para Helena, indicando-lhe a gravura com o olhar:

—Que mentiroso isto nam é! Como se para achar no amor encantos duradoiros não fosse preciso entremeal-os d'arrulhos!

JOAQUIM GÓMEZ

EPIGRAMMA



Elle para ellas leão, no juízo um verme,
 Poz um tumor na testa dum marido
 Tam asinino, tam enfraquecido,
 Que era até um dó vê-lo bruto inerme!

SILVA

Camilliana



Subordinada a este título principiamos hoje a publicação duma série de pensamentos de Camillo, conceituosamente commentados por um distincto médico, festejado escriptor público, que nos prometteu honrar com a sua collaboração. Agradecendo-lhe, penhorados, o acceder ao nosso pedido, resta-nos pedir perdão aos manes de Camillo por envolvermos assim as suas lúsidias dragonas de marechal entre as nossas platinas de recrutas do exército aguerrido dos criticos imparciaes.

I

«Chorar é esmagar a dôr. As lágrimas sam o sangue das angústias, que os padecentes podem afogar entre as mãos. Quando ellas vencem, o homem não chora; morre.»

Lá dizem as sagradas letras: Bemaventurados os que choram, porque serám consolados. É verdade que ás vezes, antes do chôro, já havia consolação: quando se chora de alegria, de contentamento.

II

«Ha uma velhice que nos passa do coração para o rosto... é a saúde... é ver o passado feliz la ao longe, e o presentir a morte, no frio que nos cerca.....»

Tambem ha umas velhices *modernas*, que não vêem do coração: vêem do estomago, vêem do onanismo, vêem do alcoolismo, vêem do mercúrio e do iodeto de potássio... é a dyspepsia chrónica, é o organismo depauperado e arruinado... é ver o passado malbaratado, o presente em ruinas, e o futuro sem esperança.

OS PÁRIAS

A MEU PAE — OPERÁRIO HA 40 ANNOS



Onde quadro mais commovedor que a miséria avassallando o proletário que trabalha, lançando-o á cova, desfazendo as esperanças duma belgasinha ganha com o suor de 40 annos?

Onde quadro mais hediondo que o abandono da sociedade ao pobre, que assim morre como um luctador vencido, sempre em guerra com a terra, a terra que dá aos burguezes a felicidade e o bem-estar?

O bem-estar, não digo bem; porque a alma desse homem inutil, cruel e desprezível, ha de sentir ainda uns laivos de nojo por si próprio, vendo-se no espelho baço da gasta consciencia.

Depois o perfume das amantes vem embriagá-lo, e elle esquece que é *homem* para se lembrar que é *senhor*.

Mas um dia a terra sente-se-abalada, as portas do castello feudal abrem-se, e esse povo ha pouco *servo* e *humilde* invade-o, e vingam-se de tantos seculos de escravidão.

Novos *senhores* se formam; e o povo esmagado, abatido, esfomeado e andrajoso, reivindica outra vez os seus direitos, feroz como um selvagem, sanguinário como um bachi-bazouk.

É que elle vingam vinte gerações, immoladas á voracidade dos *grandes*.

É assim sempre. Hontem a nobreza, hoje a burguesia, amanhã não sei que... que está occulto aí... nessas trevas, mas que cheira a pólvora e é vermelho... vermelho de sangue.

O despotismo do rico ha de cahir, porque ha mil e novecentos annos, um visionário sublime, um rabbi adoravel, fez uma revolução que, interrompida por vezes, passa sempre triumphante, animada por os corações juvenis e entusiastas que sentem em si dominadora a voz da Razão e da Justiça.

Os socialistas fazem-vos medo, ó burguesia?

Mas elles sam aquelles que aí morrem á fome, os párias feridos pela vossa injustiça, que vos devem a morte duma esposa e a anemia de seus filhos.

Sam homens e vós não lhes daes pão.

Sam homens, e vós não lhes daes luz.

E não têm pão nem luz os pobres abandonados; quando o sol nasce ja elles trabalham, e quando cae no poente ainda elles la estam a cavar... sempre a cavar.

A enxada cae pesadamente na terra, e elles caem na cova.
Ja têm sepultura ao menos.

JOSÉ MARTINZ

EDIFICANTE!



Da *Gondola*, n.º 9, saido recentemente, do artigo «Lua Morta» de Bento de Lencastre:

..... «Dobra a finados.

«São os sinos da Cathedral da Phantasia.

«O céu estende-se em pavilhões d'azul, immensas telas d'anil envolvem o Infinito.

«São seis horas da manhã, frescas, rociadas sem canicula. Negrejam os milheirae e n'um sussurro d'Amor suspira a Atmosphera banhando de sensuaes aromas um esquife. Recamos d'oiro entrecresam-se sobre um fundo anilado setinoso; é aureo como um carro d'espuma, phantastico como um Sonho d'arabe, todavia é o carro triumphal da morte que supéa truculenta as vigorosas pulsações d'um Coração.»

Para amostrinha ja basta. Aquelle Bentinho quando nam plagia bota destas coisas que a gente cança as mãos a benzer-se. Se elle fosse menor, pediamos nós á familia lhe desse tanta tapona até lhe passar aquella mania de rabiscar; assim como é maior e académico e vai dar á estampa em breve, num volume, todas aquellas diarrheias literárias, nós, com toda a força dos nossos pulmões, gritamos: Senhor Commissario de policia anda ahi este doido ás soltas; providências! providências! providências! Ou V. Ex.^a as dá, ou nós pedimos á Providência divina mande um raio a fulminar este excómmungado Bento!

Por motivo de avaria na machina onde se imprimem os *Risos Lisos*, vae este com alguns dias de atraso. Com o nosso pedido de desculpa, aí vam os nossos protestos de que p'ró futuro seremos o mais pontuaes possivel.



A MELHOR ARMA

— COMEDIA EM UM ACTO —



Personagens: — Quatro consagrados e o espectro de dois outros

A acção passar-se-ha numa das salas do Instituto, onde os consagrados, actores desta scena, tem ou teram em breve assento como sócios. Os consagrados em questão apresentar-se-hão enlavados, perfumados, narcisados, enfim. Na cabeça, escorrendo o suor negro da bandolina e cheia de caspa e *outras cosas mas*, uma auréola de vagalumes.

SCENA I

1.º consagrado—(*pansudo e desbarrigado*). Como director literário duma revista cabe-me o dever de vos annunciar o apparecimento duma outra, os *Risos Lisos* que por signal. . .

2.º consagrado — Ah! bem sei. E' uma coisa ainda peor que a *Árgus*.

1.º consagrado — (*baixinho*). Hade ser sempre bruto este diabo; (*alto*)—os mariolas dos redactores julgam ter-nos visto a caixa craneana e insinuáram que nós a temos mais vazia que um verso do Sermentof em ponto pequeno. Vae eu peguei da minha penna, confidente das minhas penas e da minha. . . inveja, e. . . zás. Sempre lhes dei uma sova! Chegou a estar composta na imprensa para apparecer na revista; mas por fim considerei que (*gesto de quem está superior a tudo*) —a melhor arma é o desprezo.

2.º consagrado—(*maneiras intrujonas de chinês*). E eu pensei em escrever uma sátyra tendo-os a elles por alvo, sátyra pungentíssima, espirituosíssima, e ainda mais colorida que um penico chinês; mas por fim tambem considerei que (*gesto de desdem*)—a melhor arma é o desprezo!

3.º consagrado—(*com ar de quem tem a immortalidade certa, porque já teve a extraordinária honra de ver o seu retracto na «Gondola»*).

E eu já estive como pau de cerejeira que sou p'ra reduzir-os a cinzas, mas depois considereei que p'ra o conseguir tinha eu tambem de arder; e considereei tambem que (*gesto desdenhoso de beiços*) — sempre a melhor arma é o desprezo.

4.º consagrado — (*compridissimas melenas loiras emmoldurando, lindas crinas, um lindo focinho côr de pão hespanhol*). Vocês vêem que a minha constituição de Hércules annuncia uma força de bruto. E sou-o! valente, quero dizer. Com um murro era capaz de deitar abaixo alli a torre de Santa Cruz.

1.º consagrado — (*à parte*). Hum! Nem por isso és bruto muito forte. Uma torre toda salitrada como ella está!...

4.º consagrado — (*continuando*). Pois aproveitando-me d'estas mi-rhas favoraveis qualidades, que outras reconheço nam ter, que os taes redactores já me abriram os olhos, ainda que um pouco rudemente, já estive por este facto mesmo, ingrato que eu sou! para os desfazer a todos com um so murro; mas pôr fim (*gesto imponente de desdem*) — tambem considereei que a melhor arma é o desprezo.

SCENA II

O espectro de Manuel Ribeiro surgindo de braço dado com o Jayme Zé, espectro tambem, diz em voz cava:—Bravo! meus! amados! discipulos! pensam! bem! a! melhor! arma! é! effectivamente! o! desprezo!

(Enquanto os dois espectros se somem pelo chão abaixo, caminho talvés do Inferno, os quatro consagrados saem pelas differentes portas a cavallo em paus de cassoura que elles dizem ser o cavallo Pégaso.)

Cae o panno.

NO MODERNISMO

— CONTRA A CORRENTE —



Esboçar um quadro duma sociedade pervertida, baixa, reles e insulsa, descrente e aniquilada, é fazer o quadro dum moribundo.

Duas palavras que se digam, são como um dolente dobre a finados.

Sem vitalidade, sem moral, sem força, Portugal está morto.

Repeti-lo é enfadonho, porque todos o sabem, todos estão fartos de o saber, mas ninguém sequer se oppõe a esta ruína próxima.

Laisser passer dizem os afrancezados políticos de campanário, sem consciência, com um riso alvar e escarninho.

E' verdade! dizem bem esses burguezes de cartola e luva, dizem bem, deixai passar.

Deixai passar essa procissão de fantoches disformes, deixai passar a lama, o lodo, a vasa.

Como se teem, em taes condições, pronunciado aquelles que ainda conservam consciência, alma, independência?

Pelo riso. Uma gargalhada fica bem na bocca do agonisante. E' a maldição que vos hade pesar sempre.

O riso é leve, afflora aos labios, passa e desfaz-se num sopro.

Mas nessa contracção ha alguma coisa que diz maldição, que diz descrença, que interdiz, que perturba o criminoso.

Sim. Ha alguma coisa de superior numa gargalhada rabelaiseana, aberta e franca.

Ella ja não vem sempre assim, mas amarellecida, ás vezes pelo descrer de tudo, envolta num scepticismo duro, que a infelicidade causa.

A crença é toldada pelas nuvens negras do desespero e a alegria vem annueada por este pessimismo vago do nosso século.

E' devido a isto que as intelligências parecem doentias, numa nevrose contagiôsa que ora faz ver azul, ora negro... negro, a avassallar, a subverter.

Talvês ainda do temperamento meridional sem a rigidês dogmatica do inglês, aferida na pedra de toque do lucro e do interesse.

As nossas ideias veem como de resto as de toda esta pleiade nova, mais do coração que do cérebro.

Isto é, a ideia converte-se em sentimento, coisa que não se pensa, não se premedita e brota expontaneamente á flôr da nossa alma.

Não nos arrependamos por isso.

Rigido, despido, sêcco, árido, não faz bem a ninguém: é uma cabana sem abrigo, sem a luz d'uma crença. A crença é necessária.

Crença mas crença pura; não essa amesquinhada por sacerdotes mercenários, mas uma nobre, elevada, que signifique alguma coisa de grande.

Esta religião, este crer é o Ideal.

Agora em que uma civilisação nova parece avançar sobre os destroços da antiga, exótica e combalida, desta sociedade pervertida—*fin de siècle*—traz no manto vermelho uma coisa incomprehendida e sublime.

Guiados por este facto é que nós criamos os nossos cultos particulares e intimos; em que o sentimento, o amor, a paixão, o odio legitimo, o desinteresse, todas estas qualidades tão próprias duma mo-

mocidade louca e entusiasta se unem num florão áureo, a engrinaldar a fachada da officina.

A gravatinha, o collarinho apertado a confranger o pescoço como um espartilho de nova invenção, encimando um *plastron*, rijo, entumecido, impecavel de lustro, por dentro duma casaca de rabo, é um dos ridiculos da sociedade d'hoje — restos medievaes nalgum canto — e a que vieram juntar-se as polidas botas de chagrin dum pedante, as luvas *gris-perle* dum pálido idiota, as polainas de cambraia dum fugido de Rilhafolles.

Esta é a sociedade dos homens dos cafés, das reuniões, das salas, dos theatros e das ceias bachanaes, a rir da miséria, a rir do infortúnio; conluio anémico, decadente, pôdre, a cair aos frangalhos—como tapeçaria envelhecida no po de muitos séculos—sem honra, sem alvo, anárchico e perdido, agarrando-se a esses dogmas antigos em que o absurdo anda parelhas com a sevícia torpe, mas que vae morrer porque a Razão desponta a rasgar pergaminhos, a pisar rabonas e a correr os pelintras a pontapés.

LÓPEZ D'OLIVEIRA

O MEU CABEÇÃO



Eu tenho um cabeção ha quatro annos feito,
Do mais leve setim que conheci jamais:
Tem alma e coração—dá suspiros e ais
Quando o trago estendido aqui sobre o meu peito.

E' velho já bastante e vae-me sendo estreito
De tal maneira que, já me aperta os canaes
Quando estou a comer. A's vezes, por demais,
Não me dou bem com elle e perco-lhe o respeito,

Chegando-o a rasgar indecorosamente!
Nasceram-lhe d'um lado azas como a um pavão,
Azas que vão crescendo extraordinariamente.

Qualquer dia appareço a voar no azul 'strellado
Co'a minha capa rota, envergando o roupão,
A's ordens clericaes do cabeção alado!

José LACEIRAS

ELLES E ELLAS



«Ver-te e amar-te foi questão dum momento»,
—Assim hoje se diz em cartas amorosas;
«Meu seraphim, meu anjo»—incrustações formosas
Da página primeira. — Eis todo o pensamento:

«Viver sem ti, amor, é bem cruel tormento;
«Sem luz dos olhos teus, estrellas luminosas,
«Sam as estradas da vida escuras, tortuosas...
«Tu és a minha esp'rança, és tu o meu alento!

«Se algum dia a desdita esmorecer o amor
«Que tu dizes sentir por mim, mimosa flôr,
«Vou-me deitar a um pôço, ou mato-me c'um tiro».

—Por fim ninguem se mata; a água é muito fria...
Se vam a disparar... talvez ella se ria...
Ha quem os acredite!—E' isso o que eu admiro!...

*

Ellas — a mesma coisa:— atrevem-se a dizer:
«Meu bem idolatrado, a quem minh'alma adora,
«O' vida do meu ser, o meu coração chora
«P'lo momento feliz de te tornar a ver.

«Tu és o ideal que vejo a toda a hora
«Ante estes olhos meus, risonho, apparecer;
«Até o sol sem ti parece escurecer,
«O sol que alegra tudo, e a natureza enflora!

«Oh! não esqueças, nunca, o amor que confessaste
«No dia em que a meus pés submisso ajoelhaste...
«Se tal acontecer a mim so resta a loisa

«No cemitério além, á sombra do cypreste!!»
—E viu-se alguém morrer? Morrer?!— Pois não morreste...
—Vam procurar um outro—é em que fica a coisa.

MEPHISTOPHELES JUNIOR

Camilliana



III

«O ódio silencioso é um cancro que devora o coração.»

O ódio estrondoso, violento, é toiro que marra ás cegas, capaz de dar cabo não so do coração, mas da cabeça, das costellas... dos outros, aquelle é autóphago, este... anthropóphago.

IV

«A suprema desgraça é o coração grande, a riqueza dos brios, o instincto do sublime, quando estes generosos sentimentos esterilizados no embrião pela pobreza, sam como se não existissem.»

Quer dizer: quando ha riqueza, o coração não está atrophiado, não escasseiam os brios, os sentimentos generosos chegam a amadurecer... é tudo um céu aberto! Philosophia velha e relha.

Cláudio José Núñez



Vou hoje fallar dum Poeta que, apenas conhecido de meia dúzia, se tanto, d'espíritos amantísimos como eu da Arte, é, de resto, ignorado do público parvoeirão que, aliás, conhece e admira o mais chulo astro dessa constellação que ora luz no céu (oh, que céu!) das letras pátrias.

Quando alguns desses astros são Guerra Junqueiro, Gómez Leal, Eugénio de Castro, e tantos outros, de accordo com a sua admiração; mas quando elles são apenas uns poetas pirangas, falhos de forma e de ideias, triumphando apenas pelo luxo das suas brochurasinhas, nesse caso não só não estamos de accordo, mas completamente desaccordos.

Aquella pleiade brilhante pertence, porém, Cláudio José Núñez. Tão grande Poeta era elle que Camillo disse que assim como João de Deus era para o género lirico, elle era para o da alta Philosophia e accrescentava por fim desoladamente e algum tanto ironicamente: escuso de lhes perguntar se o conhecem. Não! ninguém o conhece. La repousa no Campo Santo esquecido quasi por completo esse sublime espirito alliado ao mais nobre character que era possível desejar-se. Sublime espirito e alma nobre tudo está expresso, bem claramente nos seus bellissimos alexandrinos, de bronze na expressão altiva da Ideia, de velludo na música sonora do rhythm.

(Continúa)

ANTÓNIO SIMÕES

SONETO



Gloria infinda, immortalis... (Muita glória,
Quero dizer nesta expressão rasteira)
Data sit in terra... (O' pepineira!
Por este modo nunca passo á Historia.)

Heu! Quantum gaudium est in victoria!
(O' Kikero, perdoa-me esta asneira...
E tu, Flaco, bem vêes que é brincadeira,
Não me fulmines n'aventura inglória.)

Quiz fazer um soneto em latim vário
A' custa de vocês, do Diccionário,
Mas já nem por um raio sou capaz.

Vamos: The-sau-ro-cry-pso-ny-cho-cry...
Basta! fiquemos hoje por aqui.
Até mais ver. Adeus.

José Thomás!

MULHERES E ROMANCES



Delambida, abatida, inerte, a queixar-se em melopêas de cego pedinte, de sacola às costas, a peregrinar por entre as almas *ternas, dóces e maviosas*, a litteratura dissolvente deste tempo, parece celebrar com repiques fúnebres e trágicos os amores sumidos numa treva de desespero—de namorados.—

Namorados é a coisa mais vulgar, mais baixa, mais immoral—producto hybrido do tempo—que Deus podia consentir sobre a face da terra.

E' a mentira, é o engano, é o fogo fátuo que passa envolto em lama.

A educação nacional deve muito do seu estado a este cancro social, familiar e intimo.

Vicio que germinado no seio da nossa sociedade, vive, augmenta dia a dia com mais um regimento de galans e chimpanzês de feira.

A mulher portugüesa é flôr que definha na estufa do namoro, logo que o alvorecer dos quatorze ou quinze annos lhe vem trazer mais um pedaço de intelligencia.

Mas ella dispensa-a.

Esses romancelhos, ôcos de Ideal, sem grammática, com o sentimentalismo usual, de ôlheiras, descrente, que falla em morrer de amor por uma mórbida de fanaticos; encantam-na, fazem-na cabir nuns deliquios que, se não fosse o casamento com um malandrim, pseudo-barão que lhe faz *versos*, lhe chama o seu anjo salvador, a taboa do naufrago, viriam com certeza a faze-la inquietina numa casa de doidos.

A essa Julieta sentimental vam-lhe dizer depois que elle é pobre e resolveu deitar ao lixo o caneco alto, não andar de carro, deixar escabriolar a moda e trabalhar honradamente para comer; peçam-lhe que deixe o caricato chapéo de cotulo, as luvas, o vestido de seda, a sombrinha tão ralona que o pae não pôde pagar, e ella irar-se-ha contra isso tudo, e desgrenhando-se, rasgando os vestidos em brados de apaixonada da moda, dir-se-ha escarnecida, vilipendiada no seu amôr! Mas o que ella chama assim, nam é mais do que um capricho da sua imaginação, creada nesse ambiente deletério, prejudicial da falsa educação. Ella não tem a culpa, são esses assassinos que ahí se occultam por entre as folhas assetinadas de muito livreto.

Tudo isso que adúlterando as mais altas concepções humanas, não tem pejo de chamar amor ao namoro, luz às trevas, verdade á mentira, virtude ao crime.

MÁRIO GRAVE

NESTE AREAL

AO DOUTOR ELYSIO DE LIMA



Neste areal infindo,
 Neste areal me achei!
 A' sua enorme calma
 Presta-me sombra, ó Palma,
 Que ao ver teu rosto lindo
 O oásis lobriguei,
 Deste areal infindo,
 Areal onde me achei!

Nessa mudez sombria
 D'egreja sem altar,
 Sem outro onde se acoite,
 Meu peito jaz na noite,
 Que em fundo *spleen* cria,
 E é noite sem luar
 Dessa mudez sombria
 D'egreja sem altar.

O' minha amada inclina
 Teu olhar sobre mim!
 Unja-me, sol celeste
 Que todo o dulçôr veste,
 Da côr da tremulina,
 Do mar de hera e jasmim.
 O' minha amada inclina
 Teu olhar sobre mim!

Morangos dos teus beijos
 —Teu lábio o morangal
 Sejam-me o veio d'agua
 Deste areal na frágua,
 Saciem-me os desejos
 —Vibrações do Ideal
 Morangos dos teus beijos
 Teu lábio o morangal.

Vê—d' affectos mendigo,
 Que esmola o teu amor!
 Perdida sentinella
 No meu peito a dôr vela,
 Torna-o della jazigo
 E germen d'alma flôr.
 Vê—d' affectos mendigo,
 Que esmola o teu amôr!

Era a dádiva santa,
 Qual um perdão de Deus,
 Oh! sê como Elle grande
 No casto amor que expande,
 Na bondade que é tanta
 Como largos os ceus,
 Era a dádiva santa
 Qual um perdão de Deus!

Sê ó flôr do Seu Vallado,
 Minha santa Illusão,
 Preferia a esta pena
 O corpo com gangrena,
 Que a Job todo chagado
 Sorri-lhe o Coração,
 O' flôr do Seu Vallado,
 Minha santa Illusão.

Ovelha tresmalhada
 Do celeste redil
 Seja-me pois teu velo
 O Eldorado que anhelo,
 A varinha de fada
 Que me torne gazil,
 Ovelha tresmalhada
 Do celeste redil.

JOAQUIM GÓMEZ

DOIS MENSAGEIROS



I

Eu disse ao rio que mansamente
 Vai deslizando la para o mar,
 Sem um bramido, sem murmurar,
 Sem um murmúrio, tam indolente:

—Serpe de prata côr do luar,
 Prata fundida, crystal ingente,
 Vertem meus olhos pranto dolente,
 Tem piedade do meu chorar...

Leva os meus prantos, as minhas máguas,
 No seio brando das tuas águas...
 Leva-os ao oceano num dôce abraço,

Dá-os ás vagas no seu furôr:
 Porque ellas sabem o que é o amôr,
 Hão de levar-lhos ao seu regaço.

II

E disse ao vento, disse ao tufão,
 Que irado geme, que brame irado,
 Nas suas iras de condemnado,
 No seu rugido, feroz leão:

—O' monstro enorme, gigante alado,
 Terrôr infindo da criação,
 Rompe-me o peito, o meu coração,
 Coração este desventurado...

Leva os suspiros, leva os meus ais,
 Correr contigo para onde vaes...
 Os meus gemidos juntos c'os teus;

Eu não receio que ella ao ouvir
 Os meus suspiros no teu bramir,
 Não saiba, ignore, que sam os meus.

COMO A VIDA PASSA...

— DO HESPAÑHOL —



Do berço á tumba um passo vae somente;
A aurora abre a flor que secca á tarde,
Quando ao nascer—o sol esplendido arde,
E moribundo o vemos no Occidente.

Debalde apura o hom'em vaso excellente
Licôr que inflamme o coração cobarde,
Em vão o nêscio com mentido alarde
Pensa durar a vida eternamente.

Amargos e funestos desvarios!
Nós somos quaes as folhas desprendidas
Das franças verdejantes para os rios:

—Á água sem estrépido cahidas
Em mares esquecidos e sombrios
Se apagam para sempre as nossas vidas.

ERNANI

Aqui me tens, amigo, ao pé de ti armado,
Cheio de boa paz, co'o peito encouraçado,
De rosto descoberto.

Porque ladras na sombra? Esmagam-te os sorrisos
Do nosso recémvindo e pobre *Risos Lisos*,
Perdigueiro inexperto?

Nesse caso desfralda o roto pavilhão
Da tua estupidez e mostra, ó valentão,
Os nervos do teu braço!

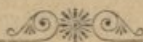
Vocifera e sacode o arco resonante,
Põe tudo em confusão, ó Jupiter Tonante,
Que eu não arredo um passo!

PADRE PIDANAS

Mephistópheles Junior



Firma este pseudónimo a composição *Elles e ellas*. Como se vê o auctor apresenta-se a rir; mas nam é, porém, aquelle riso arrepiador, verdadeiramente mephistophélico do Mephistópheles no Fausto; é o seu sorriso liso de excellente rapaz que é. Apareça sempre assim alegre que será recebido de braços abertos.



BIBLIOGRAPHIA



Recebemos os tres primeiros numeros do *Dándy*, revista que se publica em Vianna do Castello. Fizemos ainda so della uma leitura no ar, impossibilidade, portanto, de lhe fazermos uma critica a sério; porém, a opinião que desde já d'ella nos ficou é que, a par de bons artigos em que se revela o homem intelligente e trabalhador, outros ha em que se revela o verdadeiro *dandy*, portanto, o fátuo e o malandro.

De resto, muitas prosperidades.

* * *

Além desta recebemos tambem outras publicações, algumas importantes, como *Blanco y Negro*, de Hespanha, onde a par de bello texto, espirituoso e bem feito, ha a notar a belleza das photogravuras.

Uma revista de mão cheia! Caramba!

Não se esqueçam *ustedes* de continuar a mandar.

* * *

À *Resistencia* muito obrigadinhos pela maneira amabilissima como nos recebeu. A alguns jornaes temos a dizer-lhes que possuímos na redacção alguns livrinhos de rudimentos de civilisação disponiveis; se os seus redactores estam decididos a estudal-os, que bem o precisam, e se queiram utilizar delles é pedirem.



LITERATOS



Vae ai uma maré cheia de literatos que, de temerosa, nos lembra uma outra praga do Egypto. Marçanos, varredores, gallegos de pau e corda, tudo aí, quando não faz o seu versinho de pé quebrado, bota artigo de combate ao bacôco José Luciano ou faz contos da carochinha. Uma alluvião! Se ainda houvesse amor da Arte nalgum desses, fôsse elle um limpa chaminés, não seríamos nós quem viesse agora puxar-lhe as orelhas, la por elle fazer a sua dysenteria literária nas horas disponiveis.

Mas qual! Amor pela Arte não ha nenhum. O que ha nelles unicamente é o amor de florear, a vaidadé de parecer intelligente e alguma vez ir coçar os assentos nos bancos da Academia. Isto quando elle persiste na sua mania, o que é raro, pois a maioria depressa se convence, e para bem de que so na vida práctica se *faz figura*, de que a vida nam são aneddotas: regeneram-se enfim depressa, tal a sua paixão pela Arte. Pois, senhores, sejam bons chefes de familia, bons guarda-livros, bons varredores, bons caixeiros, mas deixem a pobre Arte que está quasi a expirar d'esfalfamento; não dêem assim punhaladas no bom-senso e na grammática, dominem os vossos crus instinctos de heroes... na asneira, fazendo esfalfar assim esquadrões de substantivos e adjectivos, aliás vêr-nos-hemos obrigados a atirar-vos granadas de m... no combate nu e cru que convosco travaremos, até vos rendermos um por um, montar-vos depois tambem um por um, e com dez esporadas levar-vos á escola de instrucção primária beber a sciência rudimentar do velho professor do A. B. C., até chegardes ao menos a saber ler.

A isto, que nos foi suscitado por uma catadupa de artigos com que ora nos invadiram a redacção, temos a accrescentar que esta revista não é cano de despejo. Se os nossos homens estam atacados da comichão da publicidade, a não quererem usar pomada d'Helmerich, mandem isso para qualquer Leviathan do journalismo portuguez.

SUR LA MONTAGNE

A MANOEL BACELLAR



Meus amigos, vocês querem trepar mais eu
Ao cume deste monte, a casa de Linneu?

Botem 'spingarda ao hombro e vamos por ai fóra
Roubar ao mês de maio a Deusa-amante—Flora.
Tudo respira amor! Que linda occasião
Para se conquistar um bello coração!
Fujam por qualquer parte, abracem-se co'as rosas,
Alevantem-lhe a fralda, as saias olorosas
E tambem para o chão a rir na languidez
Dos vossos Ideaes, repletos de embriaguez!
Eu gosto de vos ver oscular sem rivaes
O rosto pudibundo ás rosas virginaes.
Vistam feixes de musgo e môlhos de verdura,
Façam mantos de sol, tornem a luz escura
E o rosto azul doirado!

Andem por esses matos,
Enterrem pelo musgo os flácidos sapatos.
Moram aqui á sombra, envoltos na frescura
Desta montanha a rir, nesta enorme verdura,
Nesta fragrância eterna e virginal, suspensa,
Os thesouros sem fim da Natureza immensa!

Olhae como é bonito aqui por sôbre as águas
Mil folhas a beber na limpida corrente,
Mil fontes a nascer da rocha transparente,
Cantando noite e dia o cantico das frâguas!

Mergulhem nesse tanque a perna até ao joélho
E vejam se estam bem das águas nesse espelho.
Gritem com todo o ardor, digam qualquer asneira,
Vam buscar aquelle ninho áquella amendoeira;
Tombem essa colmeia e tragam-me ca um favo
No calix duma rosa, ó almas do diabo!
Cantem por 'i além mil cantigas sem fim...
Se não têm que fazer agarrem dois em mim
E levem-me a correr por essas ramalheiras,
Que o meu maior regalo é andar ás cavalleiras.

Basta agora! andem ca.—Assentem-se no chão
 E vamos erigir aqui um templo a Bacho!
 O thurib'lo é o cachimbo, o incenso é o meu tabaco,
 E a imagem que se adore o velho garrafão.
 Colloquem nessa relva a perna da vitela
 E cheguem para mim esse queijo da Estrella,
 Quero ir afogá-lo em vinho da Bairrada,
 Comê-lo duma vez, tomar uma tachada.
 Basta, não posso mais!

Ala! vamos embora,
 Correr mais um bocado; é esta a melhor hora.
 E tu, ó meu rafeiro, ó terror das cadellas,
 Fareja num momento os antros, as portelas,
 Procura em toda a parte a lebre, a codorniz,
 Irrompe os matagaes, rasga-me esse nariz,
 Galga, trepa, rebenta, as pernas dilacera,
 Que eu vou aqui além falar co'a Primavera
 E em breve voltarei coberto de rosaes,
 Cantando uma cantiga aos melros e aos pardaes.

E vocês subam ja, corram por 'i além,
 Arrombem os portaes, façam o que lhes convem;
 Võem por essa luz em ondas n'atmosfera
 Ou deem-se p'ra o lado, aí, co'a Primavera
 E façam-lhe de novo uma declaração.
 Promettam-lhe ai mesmo o vosso coração,
 Satisfaçam com ella os lubricos desejos
 E dêem-lhe no fim cinco milhões de beijos!
 Armem uma batalha, arranjem duras lanças,
 Convertam em dragões os troncos dessas franças:
 Cada choupo é um jumento e cada rosa um sabre,
 A silva, a trepadeira, um chicote, um calibre,
 E o calix duma planta, a bôcca dum canhão,
 —Que eu vou tranquillamente expôr o coração!

Que vigor! que poesia! extranha aragem pura!
 Afoga-me este aroma! inunda-me a verdura!

Chegou a noite enfim!
 Sinto-me transbordar! ha so luz dentro em mim.
 Desçamos da montanha e vamo'-nos embora,
 Á cata de repouso, ao collo de Pandóra.
 Vou sonhar esta noite até de madrugada,
 Na casa de meu pae, num cocuruto armada.

THOMÁS DA FONSECA

Camilliana



V

«Neste mundo ha so dois milagres que podem, dum abysmo de perdição, levantar um homem, morto para os sentimentos nobres, e insufflar-lhe a vida dum anjo: é a religião e a mulher.»

O primeiro milagre é mais efficaç, de effeitos mais duradoiros, mas pouco usado; o segundo é attraente, mas de effeitos muito duvidosos.

VI

«Não ha coisa tam segura como a humildade, nem mais arriscada que a suberba.»

Isto devia ser ha 1897 annos. Agóra estam os tempos muito mudados. Ha por ai humildes que correm o risco de ser calcados, suberbos . . . que andam num sino!

VII

«A cama e a solidão sam o peor dos refúgios para quem soffre da alma.»

Não é tanto assim. O travesseiro é um grande confidente, e a noite boa conselheira: de maneira que o céu tenebroso que nos afoga e amedronta ao entrar em *valle de lençoes*, transforma-se muitas vezes em ridentes auroras quando o sol desperta os preguiçosos.

ORAÇÃO D'AMOR



Dos seus palácios de coral e neve,
Surge o Sol—a brilhante majestade
Que ninguém, jámais, a offuscar se atreve;
Protótypo do Bem e da Verdade!

Senhor do Mar, dum regato Elle bebe;
Grande qual Deus o lar do pobre invade,
E até em céus de luz, ó ideal bondade!
Torna espinhosa e abandonada sebe!...

Senhora! Como a sebe eu sou maldito!
Sol de amor, meu ceu, pois, da vida estrella
Breve ao menos, p'ra que exhalar um grito

Ao naufragar no mar sem uma vela
Desta vida, mar revolto e infinito,
Possa ao morrer cantando na procella!

JOAQUIM GÓMEZ



NO MODERNISMO

— OPERÁRIOS E REVOLUÇÃO —

A ABEL BAPTISTA



Tarde cálida; a charanga faz soar no Caes umas notas esgrouviadas, em cansaço de setenta annos, amortecidas e impertinentes—a *Carta*—.

Pedimos aos musicos que por decência pública, por palliativo de tanta maçada, nos dêem de vez em quando o *Pirolito*, o *Chegadinho* ou o *Fado Corrido*, talvez mais poéticos e com menos ranço.

Que é do operário? Ha so burguêses?

Não. O trabalhador é aquelle de luvas, operario que protesta contra a sociedade, contra o burguês e seus costumes, e depois adopta-os á risca, apparecendo-nos de chapéu alto, collar á não sei qué,

gravata e rabona tambem á não sei qué, na imitação burguêsa a mais chata e a mais estapafúrdia.

O operário português com todas as suas pseudo-tendências revolucionárias, todas as suas aspirações democráticas e todos os seus ideaes burlesco-trágicos, hesita entre o dandy, o burguês e o revolucionário.

Sem um fim, sem uma idéa, o operário e os agitadores portugueses não têm um princípio assente e definido.

Uma pergunta: o operário quer a revolução ou não quer, quer revoltar-se, atirar a albarda?

Diga-o por uma vez e definitivamente.

O operariado quer estabelecer a solidariedade da classe, fazer-se respeitado pelo número, pela coherência, pela dignidade?

Entam deixe-se de macaquear, e vista a blusa, a honrada blusa, que assim fica um operário, um trabalhador, um revoltado, um forte.

Se nos principaes centros do operariado português se adoptasse a blusa como o distinctivo, o laço de união de irmãos, o governo e a *ordem*, essa senhora grave e grávida desses abortos que se appellidam guilhotina, fôrca, penitenciária e cadeia, todas essas obras primas da civilização europeia deixariam de fazer o que quisessem, para fazer o que fôsse necessário.

E 2:000 trabalhadores, em vez de se exhibirem como imitação de fadistas, dandys e malandros, fingindo o que não sam, se apresentassem vestindo a blusa, como um exército que vive, tem direitos, e quer reivindicá-los, fariam com que a policia e o burguês aprendessem a temer o povo, e a *ordem*, sempre trombuda, tivesse uma cara mais *alegre* ao ver a força de centenas de operarios, de quem tem medo, de quem receia.

O burguesismo enfatuado, mettido dentro das casacas, aprenderia a respeitar o trabalho, a honradez; e a sua avareza e a sua megalomania haviam de sentir-se abaladas com essa manifestação.

Porque a burguesia é covarde; e amando a *burra*, ama tambem a vida.

O escravo ja não o seria, seria homem.

Em Portugal ha seguramente 800:000 operários, e num exército assim constituido não se pôdem, impunemente, exercer desmandos.

A revolução impor-se-hia necessariamente, e os burguêses atarantados não tentariam sequer resistir á Emancipação social, ao rescindimento desse contracto feito não sei por quem, mas que dura ha milhares de annos, e talvez séculos.

Nos vossos comicios, em vossas reuniões, não appareis de fantoches; sêde o que sois.

Operários, envergae a *blusa*.

NOITE E ABYSMO



A noite, a noite, tem mil segredos,
 Tem mil mystérios na escuridão;
 Nas folhas soltas dos arvoredos,
 No sopro brando da viração.

Que de phantasmas e d'illusões,
 Quantos terrores e quanto susto,
 Na luz dum astro, nos seus clarões,
 Na sombra esguia dum pobre arbusto!...

Tambem o abysmo qual noite fria
 Tem seus terrores, tem seus mystérios!
 O abysmo attrae e prende, e extasia,
 Quem chega á orla dos seus impérios.

O abysmo arrasta, dá crua morte,
 A quem lhe cae na fauce dolosa:
 Seja mendigo, grande da sorte,
 Tronco gigante, pet'la de rosa!...

No entanto adoro nos sonhos meus
 Noite e abysmo—extranho par—:
 A noite escura nos olhos teus,
 O abysmo immenso no teu olhar!...

ERNANI DORÁ

Não ha ninguem que ao vêr-te assim celeste
 Não arda de amor por ti, mas em vão!
 Se foi p'ra nosso mal porque vieste,
 Não vês quanto ja soffre o Coração!

J. G.

Cláudio José Núñez

(Continuado do numero anterior)



A sua única obra as «Scenas Contemporâneas», obra que so por si vale toda a bagagem literária de muito menino bonito que hoje tem assento na Academia Real das Sciências, tem para mim, o único senão de os seus versos, na sua maioria, revoltarem mais o philósopho, o pensador, que o poeta; serem enfim mais do cérebro que do coração.

Não quer isto dizer, porém, que em Cláudio José Núñez nam haja sentimento. Ha-o, e bastante! Principalmente na sua admiravel poësia *A Intelligencia* a que elle chama

Triste e irrisorio dom!

quando a descreve alliada a um character austero

Que pese o mal e o bem á luz do sentimento.

Na *Morte* os mesmos traços profundos de sentimento e concepção; e assim na *Velhice do Século*; nas *Visões e Realidades*; na *Raça Latina*; na *Chûte de Paris*; enfim em todas as suas poêsias philosophicas onde se descobre a cada passo, através da limpidez crystallina do verso, não so o brilho diamantino duma ideia transcendente, mas o palpitar duma emoção, ora plangente como um dobre a finados, ora suave como a saúde, ora entusiasta como um toque de clarim. Mas é para mim doloroso vêr que um Poëta da envergadura de Cláudio José Núñez, não dedilhasse a lyra das inspirações amoveis e intimas no seu livro. Se alguma vez o fez, não foi decerto este género de poësia o preferido por elle; antes talvez o cultivou superficialmente.

Mas isto que é defeito quanto a mim, que prefiro a poësia do coração a qualquer outra, que entendo mesmo que deve ser ella a fonte única de toda a inspiração, se não o sam para muita gente hoje, ainda menos o era no tempo em que Cláudio Núñez escreveu, tempo em que o género de poësia preferido por Cláudio, estava em embrião, segundo disse Latino Coelho, que prefaciou o livro, escrevendo delle palavras enaltecedoras na sua linguagem d'oiro.

Mas este embrião, como toda a gente sabe, não vingou. E ainda bem, diria eu agora, se o que tivesse vingado não fôsse antes esta literatura mórbida e doentia d'hoje.

E se fosse só mórbida e doentia!

Mas qual! Esta coisa mórbida e doentia baptisada com o pomposo nome de neurasthenia, é expressa numa geringonça de palavras que faz duma poësia um lexicon, capaz de atarantar o próprio diabo, se ao diabo, como ao burguês, não fôsse odiento tudo o que é dos domínios da Arte e, portanto, do Bello! . . .

Poësia mal feita e má, a contrastar assim profundamente com a poësia de Claudio Núñez, poësia forte na essência, forte na fórma, e boa pela impressão que nos deixa. Esta impressão, fatigante pelos vãos arrojados a que nos obriga, é moderada pela impressão alegre das sátyras da segunda parte do livro, sátyras que se umas vezes lembram, de causticantes, o humorismo de Camillo, outras lembram Tolentino, pela sua inoffensiva ironia. O boticário Pedro Franco, é o bode expiatório da sua melhor sátyra, a primeira da segunda parte; depois na sátyra que se segue, *O Poëta*, sam alvejados os commendadores feitos d'encommenda, como quem diz brutos com commenda, isto é, consagrados como taes. Ella, so por si, vale bem um par de dúzias de chicotadas. Elles que se aguentem e continuem a esquece-lo que, quanto a mim, ficarei a amá-lo sempre mais, de todas as vezes que o lér, porque nunca deixo de descortinar nos seus versos, sérios ou irónicos, a Alma nobilissima dum grande Poëta que até rindo soffria:

Oxalá nunca possa a vossa intelligência
E ainda mais, tambem, o vosso coração.
Quando sorrir um verso alegre e folgazão,
Jamais comprehender quanto me foi preciso
De fel para poder elaborar um riso.

Diz elle dirigindo-se ás filhas o «maior prazer e o maior cuidado» de aquelle grande espirito que parecia antever o olvido em que a sua obra e assim, o seu nome, seriam sepultados; olvido que a não ser a mais atroz injustiça, seria a affirmativa por completo de que isto de glória e immortalidade é um grande pagode.

ANTÓNIO SIMÕES

PERGUNTA INNOCENTE

Porque sossobrou a *Góndola*,
D'asneira no vasto mar.
Tendo ella por gondoleiro
O Boa—ventura A—guiar?

A MINHA MUSA



I

Às vezes lanço mão da penna p'ra traçar
 No papel uma quadra, ou qualquer coisa enfim;
 A musa não me inspira, esquece-se de mim,
 E às cegas me deixa, errando, divagar.

É porisso que canto as noites de luar,
 As serras de granito, as flores d'algum jardim,
 O marulhar da vaga em praias sem ter fim,
 A côr azul do ceu, da brisa o perpassar ..

Idealizo amores que espero não sentir,
 A mão da desventura a assassinar amantes,
 Harmoniosos sons eu imagino ouvir

Que me levam a ceus longínquos, distantes!...
 —Isto porque a musa entrega-se a dormir,
 E a respeito d'assumpto, estamos como d'antes.

II

Outras vezes:—escrever em rima desusada
 Estancias de tremer, sonetos aos milhões;
 Compor mesmo um poëma, onde haja legiões
 De versos magistraes, onde não falte nada:

—Nem guerreiro feroz, de flammejante espada,
 Nem castello feudal de negros torreões,
 Jardins orientaes, mesquitas e balcões,
 Mimoso trovadôr, nem castellã, nem fada...

Tudo isso e mais desejo! A musa, a tal *senhora*,
 Que devia assistir-me e ser a minha estrella,
 Não quer apparecer, persiste na demora!

Eu bem a chamo, é certo; *ó diva, ó flor, ó bella...*
 Mas ella—a mesma coisa:—então, e sempre, e agora!...
 A culpa não é minha—a culpa é toda d'ella.

E essas gentis raparigas de olhos negros, com um cabello còr d'azeviche a emmoldurar um rosto risonho e bello, com os chambres còr de rosa e uns aventaes floridos, festivaes, a brincar, a sorrir, que sentiam o peito a arfar por o ideal dum sentimento, não sam agora mais do que tábidas caveiras, mirradas no vicio, na miséria, na fome.

Appareceu-lhe um dia á sua constituição sanguinea, á sua alma de meridional, enquanto adornava de flores o seu quarto virginal, e o odor dum amor perfeito lhe trazia a cor branca, uma reminiscência d'além, lembrança não sabia de quèoisia ente fazia sentir porém a semelhança duma flor que se dee de mim, e amor que se extingue, alguém que lhe vinha traduzir avagar. Sentia, ao perpassar, num sonho oriental.

Quem foi? Foi esse maland' luar, esse conhecido: o dandy.

Foi esse cancro social que algum jaroite pelos cafès e lupanares, acolà a embriagar-se, e aqui, a malha vil, a espancar a amante com filúcia de traga-mouros... de famintas.

E quando elle vê passar a antiga amante, morta num esquife, ou vé o seu cráneo num museu, elle sorri-se ainda com o mesmo sorrir bestial de fêra, com a mesma fleugma postíça dum idiota.

E neste dia de sol e miséria, elle pavoneia-se ahí na Calçada sem que a humanidade o mande passar a outro mundo onde não faça damno, ou a policia se lembre de fazer a primeira acção boa—mettê-lo na penitenciária.

Porque elle é o assassino que se occulta aí debaixo do diadema mais puro, é o traider, é o bandido!

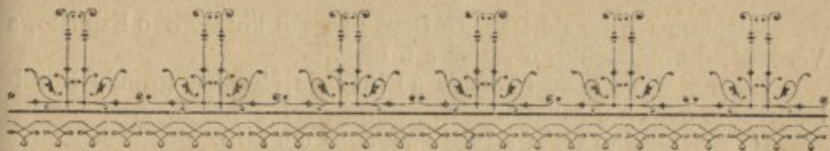
E' a elle que se deve esta vida de trapaça e mascarada—decaência e lama.

MÁRIO GRAVE

NOTÍCIA TÉTRICA

A *Góndola* sossobrou. Diz-se por aí que foi para as profundas do Inferno substituir a barca de Charonte arruinada ja por demasiado uso. Acabou bem, e graças a Deus sem utilidade futura para nós.

O número 3 dos *Risos Lisos* saiu repleto de gralhas. Nesta época em que os nossos affazeres escolares crescem de ponto e em que não ha cápsulas de óleo de ricino capazes de darem cabo destas cólicas, que nos atacam valentemente, muito, crêmos nós, fazemos ja no que fazemos. Que os leitores nos levem em conta estes peccadilhos, tanto mais que ellas, as gralhas, têm a utilidade de servir ao menos de pretextó á maledicência de tanto grulha que por aí anda a abocanhar tudo e todos.



INDIVIDUALISMO

— A RELIGIÃO DO FUTURO —



Christo convulsamente a esbracejar do alto duma Cruz, numa collina da Galiléa é a Humanidade que se liberta das peias do egoismo.

Christo a amaldiçoar o mundo, é Christo que se revolta, e a revolta do Nazareno é a mais ideal de todas ellas.

Amava toda a Humanidade e não vacillava na sua senda, caminhando sempre, sem medo ás espadas mercenarias, com os olhos no seu fito—a redempção do mundo e a eterna communhão do bem!

Redempção de pão, communhão de luz!

Sua Alma a evolar-se entre os canticos da Natureza, numa tarde de sol poente a sumir-se por detrás das muralhas de Jerusalem, é o Espirito de quantos são bons e justos.

Redime com o seu amor Magdalena e do alto do seu Calvario lança os braços ensanguentados á Humanidade e dá-lhe a grandeza duma Aspiration.

Aspiration suprema e grandiosa por quem um exercito sem igual vem morrendo ha vinte seculos.

Na miseria havia luz, no luxo e na devassidão havia lama.

A lama quizeram lançar-a a um cano de esgoto.

A luz diamantisou-se-lhe na alma.

Heroes, luctaram e morreram.

Na cruz, na tortura, na fome, na forza e na guilhotina.

Quando um morria, a Humanidade, fremente, sentia a sua Alma.

Mas depois Ella desaparecia porque a baixeza chegava.

Outro heroe vinha e recomeçava a lucta.

Lucta de morte—era a Natureza a luctar.—

Uma commoção agitava de novo o mundo, mas essa Alma tornava a ser expulsa pelo brilhar sanguineo das fogueiras do Santo Officio.

E assim hoje a Alma, que é de todos e não é de ninguem, adeja sempre junto de nós, e nós lançamol-a a um monturo d'oiro.

Mas é uma coisa de Deus, e Deus não são libras. E' o Espirito, a Verdade, o Sentimento, o Amor e o Ideal.

E a tua Alma ficou reduzida ao tinir de sterlinas grande Revolto;—e é lodo e é sangue.—

Da tua religião resta a Idéa submersa em oiro.

Liberta-a!

Corre-os a chicote, e nessa valla aurifera lança a carne pôdre dos vendilhões que é lama e lama que se elimina.

Leva-os todos zurzidos, aos vendilhões da verdade postiça, aos *apostolos* da razão elastica e do *amor* de bordel!

REALISMOS



Quanto cheirar a Ideal, tudo o que fôr Verdade
Tem eco no meu peito. Adoro a magestade
Das grandes concepções do espirito moderno.
A lucta das paixões, do lodo—mar eterno
Do nosso coração—afiam-me o punhal
Que eu gosto de enterrar no peito cannibal
Do estrião faminto, o malandrim que passa,
Escarrando no Bem, mordendo na Desgraça.

Por isso eu venho agora humildemente, a rir,
Ligar meu peito ao vosso, ó almas do Porvir,
E celebrar convosco a queda, o paroxismo
Da mentira elegante, o pôdre Romantismo.
Vamos luctar cantando, ó bardos immortaes!
Expôr á luz do dia as podridões sociaes,
A nudez da verdade; arrancar os vestidos
Ao inutil que passa a aquartelar bandidos;
Vamos ver as paixões occultas pelo vicio;
Ver tudo o que é sombrio, o antro, o precipicio,
A noite escura e densa, as covas dos leões...
E vamos logo á tarde aos pálidos clarões
Da abobada infinita, a surprehender amantes
Nas orlas dos pinhaes, sósinhos, luxuriantes!
Grite-se a quem passar colerico e sombrio,
Com trajos de bandido e ares de vadio:

«Detem-te ahí, ladrão, demora-te assassino!
 Quero ir apontar no rol do teu destino
 O brusco das feições, o aspecto de maroto!
 Não passarás d'aqui, velho reptil d'esgoto!»

Gosto de apostrophar co'as minhas gargalhadas
 Os ladrões a roubar pelas aguas furtadas,
 O vesgo salteador no meio da floresta,
 A candidez modesta
 Das virgens assaltando,
 E ao proletario rôto os cobres usurpando.

Eu gosto de adorar o Christo agonisante,
 Vê-o subir ao ceu, brilhando, triumphante.
 E odeio immensamente o crime dos Judeus.
 Gosto de desfolhar a Santa Biblia toda...
 Vêr dos primeiros paes a curiosa boda,
 Subir mais a serpente á arvore do Mal
 E trazer á mulher a perdição fatal.
 Dou cavaco por ver David e Bethesabea,
 Salomão com Belkiss, á luz da lua cheia,
 Beijando-se febris, em amoroso idyllio.
 Homero cego e pobre, a alma de Virgilio
 Sentimental, divina;
 O crime, o bem, o mal, Judith e Messalina,
 Fallam-me ao coração, assim como a miseria,
 O luto, a côr do ceu, a lua branda etheria
 No mundo azul suspensa, o Nada, o Firmamento,
 Londres e Nova York, a força, o movimento,
 O rócio da manhã, pendente dos salgueiros,
 Caíndo para o chão, e nos despenhadeiros
 A agua bramidora, os silvos das serpentes,
 Todo e qualquer artista é livre no querer.
 Podem vocês cantar as pomas da mulher,
 A pequenez da bota, o pé tão pequenino,
 A cintura elegante, o peito alabastrino...
 Mas eu hei de amar sempre a turba dos garotos,
 Descalços, sem chapéo, immundos, todos rotos,
 A rir, aos pontapés, aos sócos e á pedrada!
 Prefiro ao romper d'alva, ali de madrugada,
 Ver sair dos cafés os manequins sombrios,
 Correndo ao lupanar, famintos e vadios,
 Com a lama do chão a apodrecer no peito!

Acho muito mais bello e muito mais perfeito
 Seguir o Verdadeiro a casa do Ideal.
 Prefiro a Nova Ideia ao culto universal
 Dessa coisa já velha e pôdre—o Romantismo.
 A Verdade e a Razão são mães do Realismo,
 Que nos aponta rindo, o código das leis,
 Que hão de reger o mundo e demittir os reis.

A sociedade actual, quasi prostituida,
 Sem alma, sem ninguém, sem coração, sem vida...
 (—Não faz parte do assumpto isto que von dizer...
 Mas soa-me tambem! que raio hei de eu fazer?!)
 Carece d'uma força, um vigor colossal!
 —Essa força é o trabalho: o grande Industrial...

Da—PRIMEIRA COMMUNHÃO—

THOMÁS DA FONSECA

NO MODERNISMO

— EM QUEDA —



O commum da sociedade, maltrapilhos, santarrões, bonecos, farçantes, *acrobatas*, fantoches, panças, carões besuntados, *pés de meia*, egoistas, covardes, pelintras,—tudo o que se pôde definir por ouro e lama—tem para mim um estranho valor intrinseco.

Porque tudo isso quer dizer traição, perfidia, safardanice.

E esses são os *symptomas* de decomposição em que está submersa a Alma nacional, — o heroismo santo dum Nun'Alvares, a candidez ingênua duma creança.—

E os meios decomponentes duma fracção de Humanidade não se podem desprezar por completo.

Interessa-nos saber como um membro social se tornou nullo, um bom fructo se tornou péco.

Analysemos.

Um homem nascido no meio deste bando é irremissivelmente perdido para o Bem, para a Verdade, para a Justiça.

O veneno do ódio, do egoismo, da traição é-lhe inoculado por mil decepções duma vida que pretende *loucamente* começar pela honradez.

Primeiro odeia a hypocrisia, depois despreza-a, ri-se della, e por fim identifica-se-lhe.

Identifica-se por uma fatalidade organica que o torna um cobarde.

Tinha-se enganado, pozêra o pé em falso, ia a resvalar para um abysmo insondavel para elle—quando a honradez era um adorno de pechisbeque que os homens se conheciam mutuamente, mas que os fazia viver bem em harmonia—, isto é: falcões tornados corujas, a rastejar diante uns dos outros, com veneno no coração e na alma e os labios ensanguentados, espumantes de raiva, mas sempre franzidos num sorriso diabólico, como cobras a enrolar-se em anneis de ferro e os olhos a chispar!

Quem assim não fosse, não obedecesse a esta lei geral, era um casmurro, um indisciplinado, um inimigo.

«Quem não é por mim é contra mim.»

D'ahi um tiroteio cerrado, firme, contra o pobre diabo que commettera o grande crime de reagir ao que elle pela sua parte tambem julgára baixeza e bandidismo.

E só, por entre os dichotes, as gargalhadas alvares da ralé, os ditinhos de meninas de olheiras, as pragas das velhas beatas, o desprezo de tudo e de todos, dá murraça brava, quebra dentaduras postifas, faz paralyzar facecias, esmaecer ironias parvas num ranger de dentes de desprezo.

E depois, exausto, num cynismo de desalento, faz-se a tonsura dessa ovelha tresmalhada e recolhe-se ao aprisco.

Pauta-se então a sua vida, como é proprio dum *maduro*.

Dormir beatificamente até ás dez horas, comer bem, dizer com tudo e com todos, dar-se ares de burro sério, pôr cartola, luvas e mais distinctivos, e mostrar-se depois como um burguez pausado cheio de dinheiro e corrupção é o seu Evangelho novo.

E lá na alma rafou-se-lhe tudo — nem uma scentelha de enthusiasmo.—

Para se alardear importancia amontôa muitos nomes de pseudo-amigos, grandes trunfos, litteratos d'*élite*, barões, condes, marquezes, duques, banqueiros e até principes!

E é vel-o lançar-se ao visinho, ás escondidas, a negar-lhe a honra, a seriedade, a intelligencia e até a *virtude* de bom catholico!

Porque elle agora é um galopim, um intriguista, um refalsado caracter, mas é um *bon vivant*, dil-o o mundo.

E como o mundo está satisfeito devemos tambem, pelo menos, fingir estal-o.

Porque este patusco patinha no seu elemento.

E' uma *boa besta* a engrolar pasteis e a engrolar os outros.

Agora para coroar a obra, pedimos fervorosamente a Deus faça frade bento a esse *regenerado*.

Elle, indo pela vida além sem preocupações de especie alguma, sem um dito de espirito, sem uma acção nobre, numa dissolvença de character e de costumes, é uma entidade nulla para a Revolução e para a Sociedade.

Deixemol-o no monturo.

Do meu—*COMBATES*—a concluir.

LOPES D'OLIVEIRA

INDIFFERENTE

— A UMA MORENA —



O olhar macio
Como o velludo
Porém tão frio!...
Porém tão mudo!...

Falla: seu lábio,
Flor de roman,
E' grave e sábio
Como um Koran.

Seu sorrir: cravo
A abrir c'o dia
Propina travo
Pela ironia.

A negra trança:
Vaga de mar
Onde a esp'rança
Vae naufragar.

Curtas orelhas
Onde meus ais
Vão como abellias
Zumbir... não mais!

Corpo sem Alma
Qual feito a escôpro
Crestada palma
De Deus ao sopro.

E' assim que a chamo
Qual á ave o ar
O bosque ao gamo
A' barca o mar.

Alma captiva
Das almas foge,
O' fugitiva
A vida é hoje.

Sim! breve passa
E' fatuo lume
Nuvem que esvoaçã
Casto perfume.

E olha se o Christo
Morena, sabes?
Pôde amar isto
Dando Alma ás aves!

JOAQUIM GÓMEZ

A UM GAGO DE ESPIRITO E DE CORPO



A ti, ó mais bruto entre as alimárias brutissimas, a ti que escoicinhas e rões a corda quando te não deitam a ração—estes açoites que tão máo emprego teem em costado tão asinino.

Vae misero cavallo lazarento
Pastar longas campinas livremente.

(*Nicolau Tolentino*)

Os tempos vão *redondos*, ó sendeiro,
A fava se acabou e a palha é cara. . .
Ser-te-hia grande honra um marmeleiro,
Sujava as mãos se tẽ parlisse a cara.

Exiges, quer's resposta que te abone
Asneiras que vomitas grande bruto?
—Ahi a tens—a mesma que Cambrone
Deu aos inglezes no ultimo reducto.

MEPHISTÓPELES JUNIOR



A LEITURA DOS BANHOS



Quando ao Lavater o velho prior principia, com um sorriso malicioso, a leitura dos banhos—fulano e fulana de tal que desejam dar o nó gordio, etc., etc., acabando sempre pelo sacramental—e se alguem tiver motivos d'impedimento que o declare naquella egreja.—um susurrosinho de risos abafados de velhos, de rapazes e raparigas, risos que traduzem em uns a saúde dos seus tempos idos, em outros a inveja anciosa, em outros a raiva invejosa, em todos emfim uma pontinha de malicia que até chega aos fedelhos dum e doutro sexo, tal é a precocidade destes tempos!

PADRE PIDANAS

CARTAS A LIBERTY



AO SR. PRIOR URBANO CARDOSO

«Quando Christo inclinou, morrendo, a fronte calma,
Foi a Igreja buscar-lhe o corpo e o mundo a Alma.»

(Guerra Junqueiro)

Padre subi ao pulpito.

O Nazareno, o moreno Christo, o filho da Judéa, que foi corrido á pedrada pelos seus conterraneos de Nazareth, que foi por todos desprezado e ameaçado, que soffreu os maiores vexames e que sentiu cuspirem-lhe na face pallida todas as affrontas de cannibaes, impõe-nos a veneração e o culto religioso que se deve a um incomprehendido.

Sabeis o que é religião?

E' tudo o que ha de puro numa alma, é tudo o que é santo e nobre.

Quando vejo minha mãe chorar, choro tambem,—é religião—quando vejo a miseria, os olhos marejam-se-me,—é religião—quando encaro Jesus crucificado por a intolerancia e a malvadez duma seita, as lagrimas estancam e eu fico mudo a vêr esse Homem-divino,—é religião—quando vejo uma estrella vagamente a bruxolear no espaço, a alma enche-se-me de luz, de força, de limpidez serena dum Ideal,—é religião—quando a amante dalgum bardino resvala para a valla commum dum cemiterio eu sinto despedaçar-se-me o coração—é ainda religião.

E vós padre? Consultae a vossa consciencia, se a tendes, que eu consultei já a minha. E achei-a pura, muito pura mesmo.

E a vossa? Para longe padre...!

Não me contamineis com a vossa religião de... barbante em sermonata.

Mandei-vos para o pulpito.

Começae. O martyr do Golgotha está alli na cruz, mas é de pedra, o povo está ahi, mas é o vosso rebanho.

Prégaes contra o odio?

Mas que é isso que vos sae dos lábios espumantes, num gaguejar de medo?

Dêixae passar. E' o espirito do Cura Santa Cruz, de Torquemada,

de Loyola e uma pitada do de Borgia, o espirito que produziu os milagres *chics* de *Migné*, de *la Salette*, de *Lourdes*, que cahiram miseravelmente perante a civilização.

Agora não, padre. A cartada não foi boa nem bem cabida. Eu vos direi porquê.

O fanatismo já não faz das suas.

Os morticinos sangrentos passaram.

Agora pôde *este vosso criado* lèr o Evangelho que ninguem lh'o prohibe.

Ah! com a vossa sotaina, tão bem posto, tão magistral como o padre Ignacio com a fêrula, ouvi-me.

Quando o povo souber lèr comprehenderá porquê Christo lançou a chicote os vendilhões fóra do Templo.

Tremei então.

Tirae a mascara se não tiravol-a-hei.

A vossa vingança será no pulpito. Deve ser isso.

E' vosso assim como a Alma do Grande Martyr é nossa. Christo é o nosso Deus, assim como o vosso é esse que dellé quizestes engendrar. Eis a differença.

E mesmo assim é grande, não é padre?

Até quando quizerdes, *Veillot* pygmeu.

LOPES D'OLIVEIRA

DE BALZAC



«Os ricos encontram em Paris o espirito já feito, a sciencia preparada e opiniões completamente formuladas que os dispensam de ter espirito, sciencia ou opinião. Neste mundo a sem-razão é igual á fraqueza e á libertinagem.»

Não só em Paris se encontra disto; ha-os por cá bem perto que não sabem lèr, mas têm *phrases*, fazem a còrte ás damas com toda a desenvoltura de galans reformados, fazem discursos, têm *opinião* em tudo, sem a ter em nada, *sabem* tudo, sem saber nada, e, finalmente, botam figura.

Isto de botar figura é mania, é moda e preconceito enraizado.

Mas é coherente no conselheiro, algibebe.

MARAT & ROMEU

L. 40.

PRIMEIRO AMOR

A...



O amôr que te consagro é puro como as aguas
 Que brotam do granito a murmurar saudosas,
 Unge-me o coração todo feito de máguas,
 Co'a luz dos olhos teus, estrellas fulguosas.

Morena! foste tu o anjo, ethéreo nume
 Que aos sonhos meus de luz sorriu languidamente,
 Bemdito sejas tu, celestial perfume,
 Bemdito o teu sorrir, o teu amôr ardente.

O que dizias pensativa e tão languida
 Quando olhavas para mim, anjo da Caridade,
 Que queria dizer aquella expressão candida
 Aquelle olhar de fogo a responder—Saudade—?

E sabes o que diz, Aurora do poente,
 No fundo do meu peito, fogo abrazador?
 Diz que o meu coração é teu unicamente
 Ó rôla gemedora, ó meu primeiro Amôr.

Na fonte do Valle da Mó, 18—8—97.

THOMÁS DA FONSECA



BURGUEZES...



Sociedade ideal esta que não tem ostentado senão miseria e infamia.

Sociedade de pelintras e de ribaldos, sociedade que é um bando e bando que é uma corja.

Infame, covarde e pôdre. Oca e vasia. Sem idéas e sem sentimentos, sem dignidade e sem honra, sem fito e sem força.

Dandys e ladrões, malandros e salafrários.

Salafrários do poder, ladrões do voto, da consciencia e da vontade.

Lama e porcaria, nação e antro.

Deixae isso tudo. Vinte homens dignos lançam á valla a podridão.

Regimen que seja honrado, porque a honradez é a força.

Uma forca para cada bandido, o pão para cada trabalhador.

O rico-usurario na guilhotina, o pobre senhor do lar.

Vicio que vem da miseria, miseria que vem da desigualdade, que desapareça.

Monstros do *crime*, foram primeiro heroes da fome, e o faminto é sempre um eterno lutador.

A sociedade não lhe dá pão nem luz? Elle será o revoltado.

Mas ao revoltado morreram-lhe os filhos, e morreram á fome.

Pediú pão e não lh'o deram.

Hoje peêe sangue e hão de dar-lh'o.

Infeliz que se revolta, rasto de sangue que fica.

Mistura horrivel de vicios e crimes, e por cima de tudo isto esta *felicidade* que nos põem diante dos olhos, *felicidade* que mente, *felicidade* de papelão.

Saúde de prostituta que põe vermelhão na cara, que para não a deixar vêr chagada, põe uma mascara.

Porque demais tudo são mascaras e tudo são mascaradas.

O operario morre na enxerga d'um hospital, trabalhando toda a vida, e o burguez de herança, esse nobre do *modernismo* que traz por insignias barbatanas de bacalhau e iscas de atum, de envolta com a commenda de Christo, deixa ao morrer milhares de contos.

E esta burguezia faz sempre reparo que um trabalhador descambe em *gatuno*, que um pária seja um vadio.

Existem gatunos, ha vadios? Quem teve a culpa? Vê.

Pediú-te trabalho e tu não lh'o deste.

Tinha mulher e 40 filhos.

Humilhou-se perante ti,—implorou.

E tu fleumatico sempre, sempre *espirituoso*, respondeste-lhe brutalmente como uma cavalgadura com môsca.

Teve fome. Pediú-te esmola;—«fôra malandro»—.

E agora os filhos são os vadios, elle é o gatuno e as filhas tuas prostitutas.

A derrocada duma familia não te custou.

Foi um riso alvar, foi lama que te salpicou as faces.

Mas a lama no pôdre não faz mal:—fermenta—.

Tudo miseria. A miseria da fome que vae para a valla; a miseria da alma e dos sentimentos que vae para o mausoléo.

Isto é, agua-benta, thuribulo, cruz d'ouro, padre perfumado—; nem agua, nem thuribulo, nem farricôco.

Rico e pobre. Extremos.—Martyr e bandido.

Trevas em ambos; um não lhe deram a luz, outro não a pôde ter.
 Carrasco e victima—quadro sinistro.
 Um milhão e 12 vintens, duas pessoas junto de doze.
 200 contos em cima d'um sou.
 Vida de lucta e vida de porco.

Do meu—*COMBATES*—a concluir.

LÓPEZ D'OLIVEIRA

FALTA DE ESPAÇO

Do nosso amigo sr. Ferreira Sacras recebemos o artigo *Coquettismo*.
 Devido á falta de espaço não o podemos publicar, mas devido tambem á admiração que nos causaram as suas arrojadas idéas, que nos promettem um brilhante escriptor de pulso, não deixaremos de respeitosa e transcrever estes periodos.

«Não sou político se pego na penna é para stygmatisar o desleixo de muitos paes de familias.

«Vós que acreditaes n'estes mil aventureiros lembrai-vos da vossa juventude corrupta e reparae para o futuro que elle é bem negro.

«Não gasteis a vossa mocidade em frivolos passatempos não sonheis venturas sonhai enganos e desilusões olhai para o futuro.

«Deveis ter todo o cuidado e carinho dizeis o que eu quero é velas pella porta fora e deixai ir os vossos filhos pello caminho tenebroso deixando-lhe fazer tudo o que á sua idade é permitido.

«É vós mocidade quando chegar a velhice haveis de dizer como estou arrependido do tempo que estraguei em enganosas aventuras.»

Continue o sr. Sacras para seu e nosso bem, é o que desejamos. A patria ufana-se-ha de ter mais um talentoso escriptor.

BIBLIOGRAPHIA

Além d'outras publicações recebemos as *Noites de Vigilia*, do grande escriptor portuguez Silva Pinto, que, como sempre, lucta intemeratamente contra o rumo desta *bóia* sociedade; e os ultimos numeros da *Revista Republicana*, que publica os retratos dos mais distinctos campeões republicanos e é collaborada por pennas como as de João Chagas, Joaquim Madureira, Augusto José Vieira e o grande poeta Gomes Leal.

Revistas como estas não necessitam de elogios, nem os pedem, porque os nomes que firmam os seus artigos são a bastante garantia da sua superioridade.